



## **A interpretação dos Pais da Igreja sobre a rocha de Mateus 16:18**

Uma refutação histórica das afirmações do catolicismo romano

Tradução: Allan Pacheco e Nathan Lachmann

Revisão: Charles Rila e Luiz G. Neto

1 Introdução dos tradutores	<b>3</b>
2 A interpretação patrística	<b>4</b>
2.1 Tertuliano (155/160-240/250 d.C)	6
2.2 Orígenes (185-253 / 254 d.C)	8
2.3 Cipriano de Cartago (200/210-258 d.C)	10
2.4 Eusébio de Cesaréia (265–339 d.C)	16
2.5 Agostinho de Hipona (354–430 d.C)	17
2.6 Ambrósio de Milão (333-397 d.C)	24
2.7 João Crisóstomo (347-407 d.C)	27
2.8 Teodoreto (393-466 d.C)	36
2.9 Cirilo de Alexandria (376-444 d.C)	38
2.10 Hilário de Poitiers (315-368 d.C)	41
2.11 Jerônimo (347-420 d.C)	41
2.12 Epifânio de Salamina (310-403 d.C)	42
2.13 Basílio de Selêucia (435-468 d.C)	42
2.14 Paulo de Emesa (? - 444 d.C)	42
2.15 João Damasceno (675-749 d.C)	42
3 Declarações Resumidas de Historiadores	<b>44</b>
3.1 Brian Tierney	44
3.2 Luís Bermejo	44
3.3 Jaroslav Pelikan	45
3.4 Johann Joseph Ignaz von Dollinger	45
3.5 Karlfried Froehlich	46
3.6 John Meyendorff	49
3.7 Yves Congar	50
3.8 Pierre Batiffol	50
4 Conclusão	<b>51</b>

## 1 Introdução dos tradutores

Este artigo pretende, como o próprio nome já indica, demonstrar a posição histórica dos Pais da Igreja quanto à reivindicação de Roma sobre a existência de uma suposta supremacia papal no período dos Santos Padres. Enquanto o Concílio Vaticano I outorga para si um *consensus patrum* de pelo menos (no período patrístico) 800 anos e um mantimento de uma continuidade em tal tradição de 2000 anos, o presente artigo tem o objetivo de demonstrar que esta posição é inferida por uma má leitura dos Pais da Igreja e, assim, comprovar que a posição de alguns movimentos da Reforma e dos Ortodoxos quanto à eclesiologia histórica dos primeiros séculos é a verídica. No entanto, o objetivo principal do artigo não é o de fazer uma apologia à posição tradicional destes protestantes, mas o de fazer um apelo histórico ao que os Pais da Igreja realmente propõem.

É importante salientar que o autor não diferencia explicitamente a primazia papal (isto é, seu direito de deter a jurisdição universal de apelação mediata) da dita supremacia papal que é defendida pelos apologistas de Roma. Portanto, longe de usar um termo que seja considerado “ortodoxo” (ou “protestante”), o autor trata da “primazia papal” tal como Roma declara ser: a suprema autoridade do Bispo de Roma e sua Sé sobre as diversas Igrejas que compõem a Igreja Católica, seja de origem ocidental ou oriental.

Sem mais delongas, desejo uma boa leitura.

## 2 A interpretação patrística

Mateus 16:18 é a passagem crítica da Escritura para o estabelecimento das reivindicações de autoridade da Igreja Católica Romana. É sobre a interpretação da rocha e das chaves que toda a estrutura da Igreja de Roma repousa, e o Concílio Vaticano I afirma claramente que sua interpretação de Mateus 16 é aquela que foi sustentada pela Igreja desde o início e, portanto, que não é um desenvolvimento doutrinário. O Concílio afirmou que sua interpretação foi fundamentada no consentimento unânime dos Pais. Ao dizer isso, o Concílio Vaticano I está reivindicando um consenso de dois mil anos para sua interpretação e ensino. Eles dizem especificamente que somente a Igreja Romana tem autoridade para interpretar as Escrituras e que é ilegítimo interpretá-las de qualquer forma contrária ao que declara ser o “consentimento unânime dos Padres” (*consensus patrum*). Este princípio não significa que todo Pai concorda com uma interpretação específica das Escrituras, mas que há um consenso geral de interpretação, e o Vaticano I afirma ser consistente com esse consenso. É muito importante estabelecer isso porque tem relação direta com a pretensão da Igreja de Roma de ser a única Igreja verdadeira estabelecida por Cristo, inalterada desde o início.

Apologistas católicos romanos, em um esforço para substanciar as afirmações do Vaticano I, fazem apelos a certas declarações dos Pais da Igreja que eles afirmam darem evidência inequívoca e nada ambígua de uma crença na primazia papal na Igreja Primitiva. Seus argumentos podem ser resumidos da seguinte forma:

- Os Pais geralmente falam em linguagem elevada quando se referem ao apóstolo Pedro, sugerindo uma primazia pessoal.
- Numerosos Pais interpretam a rocha de Mateus 16 como a pessoa de Pedro.
- Embora alguns dos Pais interpretem a pedra como a confissão de fé de Pedro, eles não separam a confissão de Pedro de sua pessoa.
- Os Pais referem-se aos bispos de Roma como sucessores de Pedro.

Os apologistas romanos, ao longo da história, recorrem frequentemente ao uso de declarações selecionadas dos principais Pais da Igreja, interpretando-as como um apoio à primazia papal. Um exemplo desse tipo de argumentação pode ser visto nas seguintes referências aos escritos de Cipriano, Ambrósio e Agostinho por um apologista católico romano:

Cipriano de Cartago (m. 258 d.C) em sua carta a Cornélio de Roma (c. 251 d.C) fala da Igreja de Roma como a ‘cadeira de Pedro (*cathedra Petri*)’ e ‘a principal Igreja na qual a unidade sacerdotal tem sua fonte’ (Ep. 59, 14). Ambrósio (falecido em 397 d.C) afirma que ‘onde está Pedro, aí está a Igreja’ (Comentários aos Salmos 40, 30) (...). O reconhecimento de Agostinho da autoridade do Papa é manifestado pelas famosas palavras com que acolhe a decisão do Papa: *Roma locuta est; causa finita est* — Roma falou, a causa acabou (Sermão 131, 6:10). Por que Agostinho acredita que o bispo de Roma tem a palavra final? A resposta é porque o Papa é o sucessor de Pedro — um fato claramente reconhecido por Agostinho em sua Carta a Generoso (c. 400 d.C), na qual ele nomeia todos os 34 bispos de Roma, de Pedro a Anastácio (Carta 53, 1,2).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O autor não oferece referência.

Os argumentos acima são muito comuns. São precisamente as mesmas citações encontradas em *The Faith of the Early Fathers*, do estudioso patrístico católico romano William Jurgens, como prova da suposta crença na primazia papal na Igreja primitiva. Karl Keating usa a mesma referência a Agostinho em seu livro *Catholicism and Fundamentalism*. Mas as declarações desses Pais realmente apoiam as reivindicações da primazia papal? É isso que eles querem dizer com essas declarações? Os fatos não apoiam esta afirmação.

Estas declarações são fornecidas completamente fora do contexto do resto dos escritos desses Pais, distorcendo assim o verdadeiro significado de suas palavras. E no caso de Agostinho, como veremos, suas palavras são, na verdade, mal citadas. Com muita frequência, as declarações dos Pais são isoladas e citadas sem qualquer interpretação adequada, muitas vezes dando a impressão de que um pai ensinou um ponto de vista específico quando, na verdade, não o fez. Mas para aqueles que não estão familiarizados com os escritos dos padres da Igreja, tais argumentos podem parecer bastante convincentes. Um exemplo desse tipo de metodologia é visto em uma obra católica romana recente intitulada *Jesus, Peter and the Keys*. Esta obra está sendo elogiada pelos católicos romanos como uma evidência definitiva do ensino dos Padres da Igreja sobre o significado da pedra de Mateus 16 e do papel de Pedro. Mas as referências reais dos Pais citados nesta obra são muito seletivas, muitas vezes omitindo citações importantes de suas obras globais que demonstram uma visão contrária ao que está sendo proposto. O que descobriremos, se dermos as declarações dos Pais no contexto e em correlação com seus escritos gerais, é que sua perspectiva real é frequentemente o oposto daquela alegada pelo Vaticano I e esses apologistas romanos.

Em seu livro *Catholicism and Fundamentalism*, Karl Keating afirma que os Reformadores haviam inventado uma nova exegese de Mateus 16 para ajudá-los em sua rebelião contra o papado. Esta é uma deturpação completa. Como o historiador Oscar Cullmann aponta, a visão dos Reformadores não era uma nova interpretação inventada por eles, mas remetia à tradição patrística: “Vemos, portanto, que a exegese que os Reformadores deram (...) **não foi inventada primeiro para sua luta contra o papado; pois repousa sobre uma tradição patrística mais antiga**”.<sup>2</sup>

Um exame dos escritos dos Pais revela a expressão de um ponto de vista consistente, mas não o da Igreja Católica Romana, como a documentação dos principais pais do Oriente e do Ocidente neste artigo demonstrará. Este artigo específico é estritamente de natureza histórica. Seu objetivo é documentar a interpretação patrística da rocha de Mateus 16:18. E a evidência irá demonstrar que o entendimento protestante e ortodoxo do texto está enraizado neste consenso patrístico. De um ponto de vista estritamente escriturístico, a interpretação católica romana de Mateus 16:18 está divorciada de seu contexto bíblico apropriado. A Igreja Romana afirma que Mateus 16 ensina que a Igreja é *construída sobre* Pedro e, portanto, sobre os bispos de Roma em um sentido exclusivo. O que raramente é mencionado é o fato de que Efésios 2:20 usa precisamente a mesma linguagem encontrada em Mateus 16 quando diz que a Igreja é *construída sobre* os apóstolos e profetas com Cristo como a pedra angular.

---

<sup>2</sup> CULLMAN, Oscar, Peter: Disciple-Apostle-Martyr (Philadelphia: Westminster, 1953), p. 162. Tradução livre. (Grifos do autor).

A mesma palavra grega para *construir* em Mateus 16 é empregada em Efésios 2:20. Isso demonstra que, de uma perspectiva bíblica, mesmo se interpretarmos a rocha de Mateus 16 como a pessoa de Pedro, o Novo Testamento não vê o apóstolo Pedro como o único nesse papel. Cristo é o fundamento e a Igreja é construída sobre *todos* os apóstolos e profetas no sentido de serem edificados sobre seus ensinamentos. Além disso, a interpretação católica romana importa um significado para o texto de Mateus 16 que está completamente ausente. Este texto não diz absolutamente nada sobre infalibilidade ou sobre sucessores.

Os Pais da Igreja não isolaram versículos particulares de seu contexto bíblico geral e, conseqüentemente, eles têm uma perspectiva bíblica da fundação da Igreja, não aquela que é romana. A documentação da interpretação dos Pais também será complementada pelos comentários dos principais historiadores católicos romanos, protestantes e ortodoxos, a fim de fornecer um consenso acadêmico sobre a verdadeira compreensão dos Pais da Igreja citados. Em particular, examinaremos os comentários de Tertuliano, Orígenes, São Cipriano, Eusébio, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São João Crisóstomo, Teodoreto, São Cirilo de Alexandria, Santo Hilário de Poitiers, Jerônimo, Santo Epifânio, Basílio de Selêucia, Paulo de Emesa e São João de Damasco.

## 2.1 Tertuliano (155/160-240/250 d.C)

Tertuliano nasceu em Cartago, no norte da África, e foi advogado antes de sua conversão ao cristianismo em 193 d.C. Como cristão, ele foi um escritor prolífico e tem sido chamado de 'Pai do Cristianismo latino'. Ele provavelmente era um homem secular e seus escritos foram amplamente lidos. Ele teve uma grande influência sobre os Pais da Igreja das gerações subsequentes, especialmente Cipriano. Ele é o primeiro dos padres ocidentais a comentar Mateus 16. Em um de seus escritos, Tertuliano identifica a rocha com a pessoa de Pedro sobre a qual a Igreja seria construída: "Algo foi omitido do conhecimento de Pedro, que é chamado de 'rocha sobre a qual a igreja deve ser construída', que também obteve 'as chaves do reino dos céus', com o poder de 'desligar e ligar no céu e na terra'?"<sup>3</sup>

Embora Tertuliano afirme que Pedro é a Rocha, ele não o quis dizer em um sentido pró-papal. Sabemos disso por conta de outros comentários que ele fez. Mas se isolarmos essa passagem, seria fácil ler uma interpretação pró-romana nela. No entanto, em outros comentários sobre Mateus 16:18,19, Tertuliano explica o que ele quis dizer quando disse que Pedro é a rocha sobre a qual a Igreja seria construída:

Se, porque o Senhor disse a Pedro: 'Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja', 'a ti dei as chaves do reino celestial'; ou 'Tudo o que tiveres ligado ou desligado na terra, será amarrado ou solto nos céus', você presume que o poder de ligar e desligar derivou-se para ti, isto é, de toda Igreja semelhante a Pedro, **que tipo de homem é você, subvertendo e mudando totalmente a intenção manifesta do Senhor, conferindo (como essa intenção fez) este (presente) pessoalmente a Pedro?** 'Em ti', diz Ele, 'edificarei a minha igreja'; e, 'eu te darei as chaves' (...) e, 'tudo o que tiveres de ter desligado ou ligado' (...). No próprio (Pedro) a Igreja foi criada; isto é, através do próprio (Pedro); O próprio (Pedro) ensaiou a chave; você vê qual chave: 'Homens de Israel, deixe o que eu digo penetrar em seus ouvidos: Jesus, o Nazareno, um homem destinado por Deus para vocês', e assim por diante. O próprio (Pedro), portanto, **foi o primeiro a liberar**, no batismo de

---

<sup>3</sup> ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James, Ante-Nicene Fathers (Grand Rapids: Eerdmans, 1951), Volume III, Tertullian, Prescription Against Heretics 22. Tradução livre.

Cristo, a entrada para o reino celestial, no qual reino são 'liberados' os pecados que antes eram 'amarrados'; e aqueles que não foram 'liberados' são 'retidos', de acordo com a verdadeira salvação.<sup>4</sup>

Quando Tertuliano diz que Pedro é a rocha e a Igreja é construída sobre ele, ele quer dizer que a Igreja é construída através dele enquanto prega o evangelho. Essa pregação é como Tertuliano explica o significado das chaves. Elas são a autoridade declarativa para a oferta de perdão de pecados por meio da pregação do evangelho. Se os homens responderem à mensagem, eles serão libertos de seus pecados. Se eles rejeitarem, eles permanecerão presos em seus pecados. Nas palavras que precedem esta citação, Tertuliano nega explicitamente que esta promessa possa se aplicar a qualquer pessoa, exceto Pedro e, portanto, ele não vê de forma alguma uma primazia petrina neste versículo com sucessores nos bispos de Roma. O erudito patrístico, Karlfried Froehlich, afirma que, embora Tertuliano ensine que Pedro é a rocha, ele não quer dizer isso no mesmo sentido que a Igreja Católica Romana: "Tertuliano considerava Pedro de Mateus 16:18,19 como o **representante** de toda a igreja ou pelo menos seus membros espirituais."<sup>5</sup>

É uma prática comum dos apologistas católicos romanos omitir parte da citação dada acima por Tertuliano para fazer parecer que ele é um defensor do primado papal. Um excelente exemplo disso é encontrado em uma defesa católica romana do papado recentemente divulgada, intitulada *Jesus, Peter and the Keys*. Os autores fornecem a seguinte citação parcial de Tertuliano:

Eu agora indago sua opinião, para ver de onde você usurpa este direito para a Igreja. Você presume, porque o Senhor disse a Pedro: 'Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, dei-te as chaves do reino dos céus' [Mt 16:18,19] ou 'tudo o que você tiver ligado ou desligado na terra será ligado ou desligado no céu' [Mt 16:19] que o poder de ligar e desligar foi assim transmitido a você, isto é, a toda igreja semelhante a Pedro? Que tipo de homem você é, subvertendo e mudando qual era a intenção manifesta do Senhor quando ele conferiu isso pessoalmente a Pedro? Sobre você, diz ele, edificarei minha Igreja; e eu darei as chaves a você, não à Igreja; e tudo o que você deve ter amarrado ou você deve ter solto, não o que eles devem ter amarrado ou eles devem ter soltado.<sup>6</sup>

Ao comparar esta citação com a dada acima, fica claro que esses autores omitiram a última metade da citação. A parte da citação que é omitida define o que Tertuliano quer dizer com a afirmação de que Cristo construiu sua Igreja sobre Pedro e o investiu de autoridade. Novamente, o que ele quer dizer com essas palavras é que Cristo construiu sua igreja sobre Pedro por meio dele enquanto pregava o evangelho. Este é um significado que é claramente contrário à perspectiva católica romana. Omitir isso é distorcer o ensino de Tertuliano e dar a impressão de que ele ensinou algo que não ensinou. Portanto, embora Tertuliano afirme que Pedro é a rocha, ele não quis dizer isso da mesma forma que a Igreja Católica Romana. Pedro é a rocha porque lhe foi dado o privilégio de ser o primeiro a abrir o reino de Deus aos

---

<sup>4</sup> ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. *The Ante-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1951), Volume IV, Tertullian, On Modesty 21, p. 99. Tradução livre. (Grifo nosso).

<sup>5</sup> FROELICH, Karlfried. Saint Peter, Papal Primacy, and Exegetical Tradition, 1150–1300, pp. 13. Taken from *The Religious Roles of the Papacy: Ideals and Realities, 1150–1300*, ed. Christopher Ryan, *Papers in Medieval Studies* 8 (Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1989). Tradução livre. (Grifo nosso)..

<sup>6</sup> BUTLER, Scott; DAHLGREN, Norman, HESS. David, Jesus, Peter and the Keys (Santa Barbara: Queenship, 1996), pp. 216–217. Tradução livre.

homens. Isso é semelhante à visão expressa por Máximo de Turim quando diz: “Pois ele é chamado de rocha porque foi o primeiro a lançar os fundamentos da fé entre as nações”.<sup>7</sup>

Não apenas vemos uma negação clara de qualquer crença em uma primazia papal na exegese de Mateus 16 de Tertuliano, mas tal negação também é vista em sua prática. Em seus últimos anos, Tertuliano se separou da Igreja Católica para se tornar um montanista. Ele claramente não sustentava a visão defendida pelo Concílio Vaticano I de que a comunhão com o Bispo de Roma era o critério último de ortodoxia e de inclusão na Igreja de Deus.

## 2.2 Orígenes (185-253 / 254 d.C)

Orígenes foi chefe da escola catequética de Alexandria durante a primeira metade do terceiro século. Ele era um indivíduo de enorme intelecto e foi de longe o escritor mais prolífico da era patrística. Eusébio afirma que seus escritos somavam cerca de seis mil. Ele foi considerado o maior estudioso da antiguidade cristã. Ele teve imensa influência sobre os Pais tanto no Oriente quanto no Ocidente nos séculos subsequentes. Orígenes é o primeiro Pai a dar uma exposição detalhada do significado da rocha de Mateus 16:18. Sua interpretação tornou-se normativa para os Pais orientais e para muitos ocidentais. Além da passagem específica de Mateus 16, ele afirma que Pedro é a rocha: “Olhe para o grande alicerce desta Igreja e para a rocha muito sólida sobre a qual Cristo fundou a Igreja. Por isso o Senhor diz: ‘Vós de pouca fé, por que duvidastes?’”.<sup>8</sup>

Mas, como Tertuliano, ele não quis dizer isso no sentido católico romano. Frequentemente, Orígenes é citado como proponente do primado papal porque diz que Pedro é a rocha. Citações como a dada acima são isoladas de suas outras declarações sobre Pedro e sua interpretação real de Mateus 16:18, inferindo assim que ele ensinou algo que não ensinou. Em sua mente, Pedro é simplesmente representante de todos os verdadeiros crentes e o que foi prometido a Pedro é dado a todos os crentes que verdadeiramente seguem a Cristo. Todos eles se tornam o que Pedro é. Esta é a opinião expressa nos seguintes comentários:

E se nós também dissermos como Pedro: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’, não como se carne e sangue tivessem revelado isso a nós, mas pela luz do Pai no céu que brilhou em nosso coração, nós nos tornamos um Pedro, e para nós pode ser dito pela Palavra, ‘Tu és Pedro’, etc. Porque uma pedra é todo discípulo de Cristo de quem beberam aqueles que beberam da pedra espiritual que os seguia, e sob todas essas pedras é construída com cada palavra da Igreja e o governo de acordo com ela; pois em cada um dos perfeitos, que têm a combinação de palavras, ações e pensamentos que preenchem a bem-aventurança, está a igreja construída por Deus.

Mas se você supõe que sobre o único Pedro apenas a igreja inteira é construída por Deus, o que você diria sobre João, o filho do trovão, ou cada um dos apóstolos? De outra forma, ousaríamos dizer que contra Pedro, em particular, as portas do Hades não prevalecerão, mas que prevalecerão contra os outros apóstolos e os perfeitos? O ditado anteriormente feito, ‘As

---

<sup>7</sup> Ancient Christian Writers (New York: Newman, 1989) , The Sermons of St. Maximus of Turin, Sermon 77.1, p. 187. Tradução livre.

<sup>8</sup> Exodus, Homily 5.4, apud FROEHLICH, Karlfried. Formen der Auslegung von Matthaus 16,13–18 im lateinischen Mittelalter, Dissertation (Tubingen, 1963), p. 100. Tradução livre.



portas do Hades não prevalecerão contra ela', não se aplica a todos e no caso de cada um deles? E também o ditado: 'Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja'? As chaves do reino dos céus foram dadas pelo Senhor apenas a Pedro e nenhum outro bem-aventurado as receberá? Mas se esta promessa, 'Eu te darei as chaves do reino dos céus', for comum a outros, como não serão todas as coisas ditas anteriormente também comum a eles?

'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Se alguém lhe disser isso (...) obterá as coisas que foram faladas segundo a letra do Evangelho àquele Pedro, mas, como o espírito do Evangelho ensina a todo aquele que se tornar tal como Pedro foi. Pois todos têm o sobrenome 'rocha' são os imitadores de Cristo, isto é, da rocha espiritual que seguiu aqueles que estão sendo salvos, para que possam beber dela o gole espiritual. Mas eles têm o sobrenome de rocha, assim como Cristo. Mas também como membros de Cristo que derivam seu sobrenome Dele, eles são chamados de Cristãos, e da rocha, Pedro (...). E para todos esses a palavra do Salvador pode ser dita: 'Tu és Pedro' etc., até as palavras, 'prevalecer contra isso'. Mas o que é isso? É a rocha sobre a qual Cristo edifica a Igreja, ou é a Igreja? Pois a frase é ambígua. Ou é como se a rocha e a Igreja fossem uma e a mesma? Creio que isto é verdade; pois nem contra a rocha sobre a qual Cristo constrói Sua Igreja, nem contra a Igreja as portas do Hades prevalecerão. Agora, se os portões do Hades prevalecerem contra qualquer um, tal pessoa não pode ser uma rocha sobre a qual o Cristo edifica a Igreja, nem a Igreja construída por Jesus sobre a rocha.<sup>9</sup>

Esta é uma das passagens mais importantes em todos os escritos de Orígenes para uma compreensão de sua visão da rocha de Mateus 16. No entanto, esta passagem não está incluída naquelas referenciadas pelos autores de *Jesus, Peter and the Keys*. Esta é uma omissão flagrante dada a importância da passagem e o fato de ser facilmente acessível na obra dos *Padres pré-nicenos*. Só podemos concluir que os autores omitiram propositalmente a passagem porque ela é antagônica à posição que procuram estabelecer.

John Meyendorff foi um teólogo ortodoxo renomado e altamente respeitado, historiador e estudioso da patrística. Ele foi reitor do Seminário Teológico Ortodoxo S. Vladimir e Professor de História da Igreja e Patrística. Ele dá a seguinte explicação da interpretação de Orígenes e de sua influência sobre os Pais subsequentes no Oriente e no Ocidente:

Orígenes, a fonte comum da tradição exegética patrística, comentando Mateus 16:18, interpreta o famoso **logion** [N.T: Dito de Jesus] como a resposta de Jesus à confissão de Pedro: Simão tornou-se a 'pedra' sobre a qual a Igreja está fundada porque ele expressou a verdadeira crença na divindade de Cristo. Continua Orígenes: **'Se dissermos também "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", então também nos tornamos Pedro (...), pois quem se assimila a Cristo torna-se rocha. Cristo deu as chaves do reino somente a Pedro, ao passo que outras pessoas abençoadas não as podem receber?'** De acordo com Orígenes, portanto, Pedro não é mais do que o primeiro 'crente', e as chaves que ele recebeu abriram as portas do céu somente para ele: se outros quiserem seguir, eles podem 'imitar' Pedro e receber as mesmas chaves. Assim, [para Orígenes] as palavras de Cristo têm um significado soteriológico, mas não institucional. Eles apenas afirmam que a fé cristã é a fé expressa por Pedro no caminho para a Cesaréia de Filipe. Em todo o corpo da exegese patrística, este é o

---

<sup>9</sup> MENZIES, Allan. Ante-Nicene Fathers (Grand Rapids: Eerdmans, 1951), Origen, Commentary on Matthew, Chapters 10–11. Tradução livre.

entendimento predominante da *logia* 'Petri', e continua válido na literatura bizantina (...). Assim, quando ele falou a Pedro, Jesus estava sublinhando o significado da fé como fundamento da Igreja, em vez de organizar a Igreja como guardiã da fé.<sup>10</sup>

James McCue em *Lutherans and Catholics in Dialogue* afirma esses pontos de vista de Orígenes nestas declarações:

Quando Orígenes está comentando diretamente sobre Mateus 16:18, ele cuidadosamente põe de lado qualquer interpretação da passagem que faria de Pedro qualquer coisa diferente do que todo cristão deveria ser (...). [Seu] é o comentário mais antigo e detalhado existente sobre Mateus 16:18, e curiosamente vê o evento descrito como uma lição sobre a vida a ser vivida por cada cristão, e não informação sobre cargo ou hierarquia ou autoridade na Igreja.<sup>11</sup>

Orígenes e Tertuliano são os primeiros pais, do Oriente e do Ocidente, respectivamente, a dar uma exposição sobre o significado da rocha de Mateus 16, o papel e a posição de Pedro. Seus pontos de vista são fundamentais para a interpretação desta importante passagem nos séculos seguintes. Linhas de seus ensinamentos aparecerão nas visões dos pais em todo o Oriente e Ocidente. É importante ressaltar que os primeiros Padres orientais e ocidentais a fazer uma exegese de Mateus 16 não interpretam a passagem em um sentido pró-romano.

## 2.3 Cipriano de Cartago (200/210-258 d.C)

Cipriano foi bispo de Cartago, no Norte da África, em meados do século III. Ele foi um dos teólogos e bispos mais influentes da Igreja de sua época e deu sua vida em martírio por sua fé. Ele foi muito influenciado pelos escritos de Tertuliano, o pai norte-africano que o precedeu. Ele é frequentemente citado por apologistas católicos romanos como uma testemunha da primazia papal. Em seu tratado *Sobre a Unidade da Igreja*, Cipriano dá a seguinte interpretação da rocha de Mateus 16:

O Senhor diz a Pedro: 'Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas dos infernos não a sobrepujarão. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus e o que ligares na terra será ligado também nos céus, e tudo aquilo que desligares na terra será também desligado nos céus', e, igualmente, depois de sua ressurreição, lhe diz: 'Apascenta minhas ovelhas'. Assim o Senhor edifica sobre ele a Igreja e lhe confia suas ovelhas para apascentá-las. Se bem que dá igual poder a todos os apóstolos, constitui, todavia, uma só cátedra e dispõe, por sua autoridade, a origem e o motivo da unidade. Por certo os demais apóstolos eram como Pedro; mas o primado é dado a Pedro, e a unidade da Igreja e a da cátedra são assim demonstradas. Todos são pastores, mas, como se vê, um só é o rebanho apascentado pelo consenso unânime de todos os apóstolos.<sup>12</sup>

Cipriano diz claramente que Pedro é a rocha. Se seus comentários se restringissem à citação acima, isso daria crédito à ideia de que ele era um defensor do primado papal. No

---

<sup>10</sup> MEYENDORFF, John, *Byzantine Theology* (New York: Fordham, 1974, pp. 97–98. Tradução Livre.

<sup>11</sup> EMPIE, Paul; MURPHY, Austin. Ed., *Papal Primacy in the Universal Church* (Minneapolis: Augsburg, 1974), *Lutherans and Catholics in Dialogue V*, pp. 60–61. Tradução livre.

<sup>12</sup> DE CARTAGO, São Cipriano, *Patrística - Obras Completas I*. Vol. 35/1. Editora Paulus, 2016. Página 79.

entanto, os comentários de Cipriano continuam a partir das declarações dadas acima. Suas declarações adicionais provam conclusivamente que embora ele afirme que Pedro é a rocha, ele não quis dizer isso em um sentido pró-romano. Sua opinião é que Pedro é um símbolo de unidade, um representante figurativo dos bispos da Igreja. Cipriano via todos os apóstolos como iguais uns aos outros. Ele acreditava que as palavras de Pedro em Mateus 16 eram representativas da ordenação de todos os bispos para que a Igreja fosse fundada, não em um bispo em uma sé, mas em todos igualmente na colegialidade. Pedro, então, é uma figura representativa do episcopado como um todo.

Sem dúvida os demais apóstolos eram como Pedro, dotados de igual participação na honra e no poder; mas o princípio parte da unidade, para que se demonstre ser única a Igreja de Cristo. O Espírito Santo, em nome do Senhor, designa esta mesma Igreja una no Cântico dos Cânticos, dizendo: “Uma é minha pomba, minha perfeita; é uma para sua mãe, eleita para sua progenitora.”<sup>13</sup>

Nosso Senhor, cujos preceitos e advertências devemos observar, determinando a honra de um Bispo e o ordenamento de Sua própria Igreja, fala no Evangelho e diz a Pedro: Eu te digo que tu és Pedro, e nesta pedra eu vou construir Minha Igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus. Daí a ordenação dos Bispos e a ordenação da Igreja ao longo do tempo e da linha de sucessão, de modo que a Igreja é estabelecida sobre os seus Bispos; e cada ato da Igreja é regulamentado por esses mesmos prelados.<sup>14</sup>

Cipriano, como Tertuliano, afirma que Pedro é a rocha. Mas tal declaração deve ser qualificada. Ele definitivamente não quis dizer isso da mesma forma que a Igreja de Roma. Em seu tratado Sobre a unidade da Igreja, Cipriano ensina que só Pedro não é a rocha ou o alicerce sobre o qual a Igreja está construída, mas antes um exemplo do princípio da unidade. Ele é representante da Igreja como um todo. Todo o episcopado, de acordo com Cipriano, é o fundamento, embora Cristo seja a verdadeira Rocha. Os bispos de Roma não são dotados de autoridade divina para governar a Igreja. Todos os bispos juntos constituem a Igreja e governam suas áreas individuais de responsabilidade como iguais. Se Cipriano quis dizer que a Igreja foi construída sobre Pedro e aquele que resiste ao bispo de Roma resiste à Igreja (isolando-se da Igreja), então ele se contradiz completamente, pois, como veremos na Parte II, ele se opôs a Estevão, o bispo de Roma em sua interpretação de Mateus 16, bem como em questões teológicas e jurisdicionais. Suas ações provam que seus comentários sobre Pedro não podiam coincidir com a interpretação católica romana de suas palavras. Fazer isso é uma distorção de seu verdadeiro significado.

Historicamente, tem existido alguma confusão na interpretação dos ensinamentos de Cipriano porque existem duas versões de seu tratado Sobre a Unidade da Igreja. No primeiro, Cipriano fala da cadeira de Pedro na qual ele iguala a verdadeira Igreja a essa cadeira. Ele afirma que há apenas uma Igreja e uma cadeira e um primado dado a Pedro. No segundo, as referências a um primado petrino são suavizadas para dar maior ênfase ao tema da unidade e co-igualdade dos bispos. A maioria dos estudiosos católicos romanos e protestantes agora concorda que Cipriano é o autor de ambas as versões. Ele escreveu o

---

<sup>13</sup> DE CARTAGO, São Cipriano.. Patrística - Obras Completas I. Vol. 35/1. Editora Paulus, 2016. Página 80.

<sup>14</sup> A Library of the Fathers of the Holy Catholic Church (Oxford: Parker, 1844), The Epistles of S. Cyprian, Ep. 33.1. Tradução livre.

segundo para contrabalançar uma interpretação pró-romana que estava sendo anexada às suas palavras, a qual ele nunca pretendeu. O episcopado é para ele o princípio da unidade dentro da Igreja e representante desta. A 'cadeira de Pedro' é uma expressão figurativa que se aplica a cada bispo em sua própria sé, não apenas aos bispos de Roma. O bispo de Roma detém o primado da honra, mas não tem jurisdição universal sobre toda a Igreja, pois Cipriano afirma expressamente que todos os apóstolos receberam a mesma autoridade e *status* de Pedro e a Igreja é construída sobre todos os bispos e não apenas Pedro.

Alguns objetam a essas conclusões sobre Cipriano citando suas declarações sobre a cadeira de Pedro. Os apologistas católicos romanos nos levariam a acreditar que os comentários de Cipriano se referem exclusivamente aos bispos de Roma e que eles, portanto, possuem autoridade especial como sucessores de Pedro. O bispo de Roma detém o primado da honra, mas não tem jurisdição universal sobre toda a Igreja, pois Cipriano afirma expressamente que todos os apóstolos receberam a mesma autoridade e status de Pedro e a Igreja é construída sobre todos os bispos e não apenas Pedro.

O historiador católico romano Robert Eno repudia esse ponto de vista como uma deturpação da visão de Cipriano. Como ele aponta, Cipriano não acreditava que o bispo de Roma possuísse uma autoridade mais elevada do que ele ou os outros bispos africanos. Eles eram todos iguais:

Cipriano faz uso considerável da imagem da cátedra ou cadeira de Pedro. Note, entretanto, que é importante em sua teologia da igreja local: 'Deus é um e Cristo é um: há uma Igreja e uma cadeira fundada, pela autoridade do Senhor, sobre Pedro. Não é possível que outro altar possa ser levantado, ou que um novo sacerdócio possa ser nomeado, além deste altar e deste sacerdócio' (Ep. 43.5).

O simbolismo da *Cathedri Petri* tem sido fonte de muitos mal-entendidos e disputas. Talvez isso possa ser entendido mais facilmente examinando o tratado especial que ele escreveu para defender sua própria posição como único bispo legítimo de Cartago e a de Cornélio contra Novaciano, ou seja, o *De unitate ecclesiae*, ou, como era conhecido na Idade Média, Na Simplicidade dos Prelados. O capítulo de maior interesse é o quarto. A controvérsia tem perseguido este trabalho porque existem duas versões deste capítulo. Desde a Reforma, a aceitação de uma ou outra versão geralmente segue as linhas denominacionais.

Muito disso diminuiu nas últimas décadas, especialmente com o trabalho de pe. Maurice Bevenot, um jesuíta inglês, que dedicou a maior parte de sua vida acadêmica a este texto. Ele defendeu a sugestão do beneditino inglês, John Chapman, de que estamos lidando aqui com duas versões de um texto, ambas de autoria de Cipriano. Essa visão ganhou ampla aceitação nas últimas décadas. Não apenas Cipriano escreveu ambos, mas sua teologia da Igreja não mudou do primeiro para o segundo. Ele fez alterações textuais porque sua versão anterior estava sendo mal utilizada.

A teologia da passagem controversa vê em Pedro o símbolo da unidade, não por ter recebido maior autoridade de Cristo, pois, como ele diz em ambas as versões, '... um poder semelhante é dado a todos os apóstolos' e '... sem dúvida, os outros eram tudo o que Pedro era. No entanto, Pedro recebeu o poder primeiro: 'Assim, fica claro que há apenas uma Igreja e uma cadeira.' A cadeira de Pedro então pertence a cada bispo legítimo em sua própria sé. Cipriano detém a cadeira de Pedro em Cartago e Cornélio em Roma contra Novaciano, o suposto usurpador. Você deve manter essa

unidade se quiser permanecer na Igreja. Cipriano deseja unidade na igreja local em torno do bispo legítimo e unidade entre os bispos do mundo que estão 'colados' (Ep. 66.8).

Além de suas boas relações e harmonia com o bispo Cornelius sobre a questão dos decaídos, qual era a visão básica de Cipriano sobre o papel, não de Pedro como símbolo de unidade, mas de Roma na Igreja contemporânea? Dado o que dissemos acima, é claro que ele não via o bispo de Roma como seu superior, exceto como forma de honra, embora o bispo legítimo de Roma também ocupasse a cátedra de Pedro em um sentido histórico (Ep. 52.2) Outro termo frequentemente usado pelos africanos ao falar da Igreja era 'a raiz' (radix). Cipriano às vezes usava o termo em conexão com Roma, levando alguns a afirmar que ele considerava a igreja romana como a 'raiz'. Mas, de fato, no ensino de Cipriano, a Igreja Católica como um todo é a raiz. Então, quando ele se despediu de alguns católicos que viajavam para Roma, ele os instruiu a ter muito cuidado com o grupo de cristãos que contactavam após sua chegada a Roma. Eles devem evitar grupos cismáticos como o de Novaciano. Eles devem entrar em contato e se unir à Igreja presidida por Cornélio, porque só ela é a Igreja Católica em Roma. Em outras palavras, Cipriano exortou '... a discernir o ventre e a raiz ... da Igreja Católica e a se apegar a ela' (Ep. 48.3).

É claro que na mente de Cipriano (...) **uma conclusão teológica que ele não tira é que o bispo de Roma tem autoridade superior à dos bispos africanos.**<sup>15</sup>

Como Charles Gore apontou, Cipriano usou a frase "a cadeira de Pedro" em sua epístola 43, que os apologistas romanos frequentemente citam em defesa de uma primazia romana exclusiva, para se referir à sua própria sé de Cartago, não à sé de Roma. Isso é confirmado como um consenso geral de historiadores protestantes, ortodoxos e católicos romanos. James McCue, escrevendo para *Lutherans and Catholics in Dialogue*, na obra *Papal Primacy and the Universal Church*, afirma esta interpretação da visão de Cipriano nos seguintes comentários:

De acordo com a interpretação de Cipriano de Mateus 16:18, Jesus **primeiro conferiu a Pedro a autoridade com a qual ele posteriormente dotou todos os apóstolos**. Isso, segundo Cipriano, era para deixar clara a unidade do poder que estava sendo conferido e da igreja que estava sendo estabelecida. Cipriano frequentemente fala de Pedro como o fundamento da igreja, e seu significado parece ser que foi em Pedro que Jesus estabeleceu pela primeira vez todos os poderes e responsabilidades de construção da igreja que seriam subsequentemente também dados aos outros apóstolos e aos bispos.

Pedro é a fonte da unidade da igreja apenas de forma exemplar ou simbólica. O próprio Pedro parece, no pensamento de Cipriano, não ter autoridade sobre os outros apóstolos e, conseqüentemente, a igreja de Pedro não pode razoavelmente alegar ter qualquer autoridade sobre as outras igrejas.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> ENO, Robert, *The Rise of the Papacy* (Wilmington: Michael Glazier, 1990), pp. 57-60. Tradução livre. (Grifo nosso).

<sup>16</sup> MURPHY, Austin; EMPIE, Paul, *Papal Primacy and the Universal Church*, (Minneapolis: Augsburg, 1974), *Lutherans and Catholics in Dialogue V*, pp. 68-69. Tradução livre. (Grifo nosso).

Este julgamento é posteriormente afirmado pelo historiador católico romano Michael Winter:

Cipriano usou o texto petrino de Mateus para defender a autoridade episcopal, mas muitos teólogos posteriores, influenciados pelas conexões papais do texto, interpretaram Cipriano em um sentido pró-papal que era estranho ao seu pensamento (...). Cipriano teria usado Mateus 16 para defender a autoridade de qualquer bispo, mas como ele passou a empregá-lo por causa do bispo de Roma, deu a impressão de que ele o entendia como uma referência à autoridade papal (...). Católicos, assim como protestantes, agora concordam em geral que Cipriano não atribuiu uma autoridade superior a Pedro.<sup>17</sup>

Este historiador católico romano insiste que é uma deturpação do verdadeiro ensino de Cipriano afirmar que ele é um Pai que apóia a interpretação católica romana de Mateus 16. E ele diz que tanto estudiosos protestantes quanto católicos romanos agora concordam com isso. Mais uma vez, os historiadores católicos romanos repudiam especificamente o que alguns apologistas romanos frequentemente ensinam sobre Cipriano e seus comentários sobre a 'Cadeira de Pedro'. Karlfried Froehlich afirma:

Cipriano entendia o Pedro bíblico como o **representante do episcopado unificado, não do bispo de Roma** (...). Ele o entendia como um símbolo da unidade de todos os bispos, os oficiais privilegiados da penitência (...). Para Cipriano, o único Pedro, o primeiro a receber as chaves penitenciais que todos os outros bispos também exercem, era o tipo bíblico do único episcopado, que por sua vez garantia a unidade da igreja. O único Pedro igualou o único corpo de bispos.<sup>18</sup>

John Meyendorff explica o significado do uso de Cipriano da frase 'cadeira de Pedro' e resume a eclesiologia cipriânica que era normativa para o Oriente como um todo:

O conceito cristão primitivo, melhor expresso no século III por Cipriano de Cartago, segundo o qual a 'sé de Pedro' pertence, em cada igreja local, ao Bispo, permanece o padrão antigo e óbvio para os bizantinos. Gregório de Nissa, por exemplo, pôde escrever que Jesus 'por meio de Pedro deu aos bispos as chaves das honras celestiais'. Pseudo-Dionísio quando menciona os 'hierarcas' — ou seja, os bispos da Igreja primitiva — refere-se imediatamente à imagem de Pedro (...). **A sucessão de Pedro é vista onde quer que a fé correta seja preservada e, como tal, não pode ser localizada geograficamente ou monopolizada por uma única igreja ou indivíduo.**<sup>19</sup>

A visão de Cipriano sobre a 'cadeira de Pedro' (*cathedri Petri*) era que ela pertencia não apenas ao bispo de Roma, mas a todos os bispos dentro de cada comunidade. Assim, Cipriano não usou o argumento do primado romano, mas sim o de sua própria autoridade como 'sucessor de Pedro' em Cartago (...). Para Cipriano, a 'cadeira de Pedro' era um conceito sacramental, necessariamente presente em cada igreja local: Pedro era o

<sup>17</sup> WINTER, Michael, *St. Peter and the Popes* (Baltimore: Helikon, 1960), pp. 47-48. Tradução livre.

<sup>18</sup> FROEHLICH, Karlfried, *Saint Peter, Papal Primacy, and the Exegetical Tradition, 1150-1300*, p. 36, 13, n. 28 p. 13. Taken from *The Religious Roles of the Papacy: Ideals and Realities, 1150-1300*, ed. Christopher Ryan, Papers in Medieval Studies 8 (Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1989). (Grifo nosso).

<sup>19</sup> MEYENDORFF, John, *Byzantine Theology* (New York: Fordham University, 1974), p. 98. Tradução livre. (Grifo nosso).

exemplo e modelo de cada bispo local, que, dentro de sua comunidade, preside a Eucaristia e possui 'o poder das chaves' para remir pecados. **E como o modelo é único, único também é o episcopado (*episcopatus una est*) compartilhado, em igual plenitude (*in solidum*) por todos os bispos.**<sup>20</sup>

E, finalmente, Reinhold Seeberg explica a interpretação de Cipriano de Mateus 16 e sua eclesiologia com estas palavras:

De acordo com Mateus 16:18, a igreja é fundada sobre o bispo e sua direção recai sobre ele: **'Portanto, através das mudanças dos tempos e das dinastias, a ordenação dos bispos e a ordem da igreja avançam, de modo que a igreja é constituída de bispos, e cada ato da igreja é controlado por esses líderes'** (Epístola 33.1). (...) Os bispos constituem um colégio (*collegium*), o episcopado (*episcopatus*). Os concílios desenvolveram essa concepção. Neles, os bispos representavam praticamente a unidade da igreja, como Cipriano agora formulava teoricamente. Sobre a unidade deles repousa a unidade da igreja (...). Esta unidade se manifesta no fato de que o Senhor em primeira instância conferiu autoridade apostólica a Pedro: **'Consequentemente, os outros apóstolos também eram, em certa medida, o que Pedro era, dotados de uma divisão igual de honra e poder; mas o começo procede da unidade, a fim de que a igreja de Cristo seja mostrada como uma'** (de un. eccl. 4). (...) Na realidade, todos os bispos — considerados dogmaticamente — estão no mesmo nível, e, portanto, ele sustentou, em oposição a Estevão de Roma, seu direito de opinião e ação independentes.<sup>21</sup>

As citações acima de historiadores católicos romanos, protestantes e ortodoxos de renome mundial revelam um consenso da opinião acadêmica sobre o ensino de Cipriano, demonstrando efetivamente a incompatibilidade dos pontos de vista de Cipriano com aqueles defendidos pelo Vaticano I. Este consenso também revela o perigo de aceitar as declarações dos Pais da Igreja *prima facie* sem levar em conta o contexto dessas declarações ou para buscar uma interpretação adequada do significado dos termos que usam. É fácil importar significados preconcebidos em suas declarações, resultando em uma deturpação de seu ensino.

Os autores de *Jesus, Peter and the Keys* são culpados exatamente disso. Eles listam citações de Cipriano com total desconsideração dos verdadeiros fatos, conforme foram enumerados pelos historiadores acima, dando a impressão de que Cipriano acreditava no primado papal quando, na verdade, ele não acreditava. Seu ponto de vista e o de muitos apologistas romanos de nossos dias é totalmente repudiado até mesmo pelos historiadores católicos romanos conservadores. Cipriano é um excelente exemplo de Pai que afirma que Pedro é a rocha, mas não quer dizer isso no sentido católico romano. Mas, sem dar o contexto histórico adequado e a compreensão de seus escritos, seria muito fácil enganar os não-intencionados, investindo as palavras de Cipriano no desenvolvimento doutrinário de uma época posterior, deturpando assim sua posição real.

---

<sup>20</sup> MEYENDORFF, John, *Imperial Unity and Christian Divisions* (Crestwood: St. Vladimir's, 1989), pp. 61, 152. Tradução livre. (Grifo nosso).

<sup>21</sup> SEEBERG, Reinhold, *Text-Book of the History of Doctrines* (Grand Rapids: Baker, 1952), Volume I, p. 182-183. Tradução livre. (Grifo nosso).

## 2.4 Eusébio de Cesaréia (265–339 d.C)

Eusébio nasceu em Cesaréia, na Palestina, por volta do ano 263/265 d.C. Ele adotou o nome de Eusébio Pânfilo em homenagem a seu mentor e professor Pânfilo. Ele foi consagrado bispo de Cesaréia em 313 d.C e foi um participante do Concílio de Nicéia. Ele é conhecido como o Pai da História Eclesiástica por seu trabalho sobre a história da Igreja. Ele expressou muito claramente suas opiniões sobre o significado da rocha de Mateus 16:

E disparou flechas, e os espalhou; ele lançou relâmpagos e os derrotou. Então os canais do mar foram vistos, e as fundações do mundo foram lançadas, à tua repreensão, ó Senhor, ao sopro das tuas narinas' (Salmos 18:14). (...) Pelas 'fundações do mundo', nós devemos compreender a força da sabedoria de Deus, pela qual, primeiro, a ordem do universo foi estabelecida, e então, o próprio mundo foi fundado — um mundo que não será abalado. No entanto, você não errará de forma alguma do escopo da verdade se supor que "o mundo" é realmente a Igreja de Deus, e que seu "fundamento" está em primeiro lugar, naquela rocha indizivelmente sólida sobre a qual está fundado, como diz a Escritura: 'Sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela'; e em outro lugar: 'A rocha, além disso, era Cristo'. Para, como o apóstolo indica com estas palavras: 'Nenhum outro fundamento pode alguém lançar senão aquele que já está posto, que é Cristo Jesus'. Então, também, depois do próprio Salvador, você pode corretamente julgar os fundamentos da Igreja como sendo as palavras dos profetas e apóstolos, de acordo com a declaração do Apóstolo: 'Construído sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, Cristo, o próprio Jesus, é a pedra angular.' Essas fundações do mundo foram desnudadas porque os inimigos de Deus, que uma vez obscureceram os olhos de nossa mente, para que não contemplássemos as coisas divinas, foram desbaratados e postos em fuga — espalhados pelas flechas enviadas por Deus e postos em fuga pela repreensão do Senhor e pelo sopro de suas narinas. Como resultado, tendo sido salvo desses inimigos e recebido o uso de nossos olhos, vimos os canais do mar e contemplamos as fundações do mundo. Isso aconteceu em nossa vida em muitas partes do mundo.<sup>22</sup>

Eusébio ensina, sem ambiguidade, que a rocha é Cristo. Ele correlaciona esta interpretação com a rocha paralela e declarações de fundação de 1ª Coríntios 10:4 e 3:11. Ele prossegue, dizendo que há um fundamento subsidiário, de Efésios 2:20, dos apóstolos e profetas, a Igreja também construída sobre eles, mas a pedra angular é Cristo. No entanto, ele interpreta que isso significa que a Igreja deve ser construída sobre as palavras ou ensinamentos dos apóstolos e profetas, em oposição a suas pessoas. É neste sentido que se pode dizer que a Igreja está construída sobre Pedro e os outros apóstolos. É claro que somente Cristo é o verdadeiro fundamento e rocha da Igreja e que Eusébio não vê nenhum primado petrino peculiar associado às declarações de Cristo em Mateus 16. Pedro é simplesmente um dos vários apóstolos que são o fundamento da Igreja. Isso não tem nada a ver com sua pessoa, mas tudo a ver com suas palavras — sua confissão. Isso nos ajuda a entender corretamente outras referências de Eusébio a Pedro. Por exemplo, quando ele diz: "Pedro, sobre quem está construída a Igreja de Cristo, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno, deixou apenas uma epístola incontestável [...]".<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> DE CESARÉIA, Eusébio, *Commentary on the Psalms*, M.P.G., Vol. 23, Col. 173, 176. Tradução livre.

<sup>23</sup> DE CESARÉIA, Eusébio, *Patrística: História Eclesiástica*, livro 6, cap. 25, vol. 15, 1ª edição, Paulus, 200.



Ele não quer dizer que Cristo estabeleceu um ofício papal em Pedro e que a Igreja é construída sobre ele em um sentido pessoal e, por meio dele, sobre seus supostos sucessores. A Igreja é construída sobre Pedro por ser construída sob sua confissão de fé. À luz de seus comentários em seu Comentário sobre os Salmos, podemos concluir que Eusébio não interpretou Mateus 16:18 de acordo com a Igreja Católica Romana. É Cristo, e somente Cristo que preenche a visão de Eusébio nesta passagem. No entanto, procuraremos em vão pela citação acima de Eusébio na obra católica romana *Jesus, Peter and the Keys*. Este trabalho pretende dar uma perspectiva patrística definitiva sobre a rocha de Mateus 16, mas o fracasso em fornecer uma documentação completa do que este Pai realmente escreveu sobre o assunto mais uma vez deixa os autores expostos à acusação de uma apresentação tendenciosa e manipuladora dos fatos.

A interpretação de Eusébio, junto com a de Orígenes, teve uma influência imensa sobre os Pais do Oriente e do Ocidente. Repetidamente, como veremos, encontramos os Pais das gerações subsequentes interpretando essa passagem na rocha com o foco na pessoa de Cristo. As passagens correspondentes de 1ª Coríntios 3:11 e 10:4 são usadas como justificativa para a interpretação. Michael Winter descreve o ponto de vista e a influência de Eusébio:

Na História Eclesiástica, ele diz sem qualquer explicação ou qualificação: 'Pedro, sobre o qual está construída a igreja de Cristo, contra o qual as portas do inferno não prevalecerão'. Em outro lugar, ele fala de Cristo como o fundamento da igreja de tal maneira que exclui Pedro. Por exemplo, em seu comentário sobre os Salmos, a referência à fundação da terra no Salmo 17 o leva a considerar a fundação da Igreja. Usando Mateus 16, ele declara que este fundamento é uma rocha, que é então identificada como Cristo pela autoridade de 1ª Coríntios 10:4. Essa interpretação do texto de Mateus, que parece tão estranha ao leitor moderno, indica um problema que deixou muitos dos primeiros Pais perplexos. Sua teologia da igreja foi, graças a Paulo, tão completamente Cristocêntrica que era difícil para eles imaginar um fundamento diferente de Cristo (...). A terceira opinião que Eusébio apresentou foi uma interpretação de Mateus 16 que considerava a rocha da Igreja nem como Cristo nem precisamente o próprio Pedro, mas como a fé que ele se manifestou em seu reconhecimento de Cristo. Esta última visão de Eusébio, junto com sua outra inovação, a saber, que a rocha era Cristo, teve considerável influência na exegese posterior do texto em questão, tanto na Igreja Oriental quanto na Ocidental.<sup>24</sup>

## 2.5 Agostinho de Hipona (354–430 d.C)

Agostinho é considerado por muitos o teólogo mais importante da história da Igreja nos primeiros mil e duzentos anos. Nenhum outro Pai da Igreja teve influência de tão longo alcance sobre a teologia da Igreja. Sua autoridade em toda a Idade Média e patrística é insuperável. Foi bispo de Hipona, no Norte da África, desde o final do século IV e no primeiro trimestre do quinto, até sua morte em 430. William Jurgens faz os seguintes comentários sobre sua importância:

Se fôssemos confrontados com a improvável proposta de ter que destruir completamente as obras de Agostinho ou as obras de todos os outros Padres e Escritores, não tenho dúvidas de que todos os outros teriam de

---

<sup>24</sup> WINTER, Michael, *St. Peter and the Popes* (Baltimore: Helikon, 1960), p. 53. Tradução livre.

ser sacrificados. Agostinho deve permanecer. De todos os Padres, Agostinho é o mais erudito, o que tem os insights teológicos mais notáveis e o que é efetivamente o mais prolífico.<sup>25</sup>

Ele foi um escritor prolífico e fez vários comentários que se relacionam diretamente com a questão da interpretação da rocha de Mateus 16:18. Na verdade, Agostinho fez mais comentários sobre essa passagem do que qualquer outro Pai da Igreja. No final de sua vida, Agostinho escreveu suas Retratações, onde corrige afirmações em seus escritos anteriores que ele diz estarem erradas. Um deles tinha a ver com a interpretação da rocha em Mateus 16. No início de seu ministério, Agostinho escreveu que a rocha era Pedro. No entanto, logo no início ele mudou de posição e, ao longo do restante de seu ministério, ele adotou a visão de que a rocha não era Pedro, mas Cristo ou a confissão de Pedro, que apontava para a pessoa de Cristo. A seguir estão as declarações de seu Retratações que se referem à sua interpretação da rocha de Mateus 16:

Em uma passagem deste livro, eu disse sobre o Apóstolo Pedro: 'Sobre ele como sobre uma rocha a Igreja foi construída' (...). Mas eu sei que muito frequentemente, em tempos posteriores, eu expliquei o que o Senhor disse: 'Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja', que seja entendida como construída sobre Aquele a quem Pedro confessou dizendo: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo', e assim Pedro, chamado após esta pedra, representou o pessoa da Igreja que está construída sobre esta rocha e que recebeu 'as chaves do reino dos céus'. Pois, 'Tu és Pedro' e não 'Tu és a rocha' foi dito a ele. Mas 'a rocha era Cristo', ao confessar que, como também toda a Igreja confessa, Simão se chamava Pedro. Mas [eu] deixo o leitor decidir qual dessas duas opiniões é a mais provável.<sup>26</sup>

Claramente, Agostinho está repudiando uma posição anteriormente assumida, adotando a visão de que a rocha era Cristo e não Pedro. Esta se tornou sua posição consistente. Ele deixa a interpretação aberta para que os leitores individuais decidam qual é a interpretação mais provável, mas está claro qual ele concluiu que a interpretação deveria ser e que ele acredita que a visão de que a rocha é Cristo é a correta. O fato de ele até mesmo sugerir que os leitores individuais poderiam assumir uma posição diferente é evidência do fato de que depois de quatrocentos anos de história da igreja não havia nenhuma interpretação oficial da Igreja desta passagem, como o Vaticano I declarou. O leitor pode imaginar um bispo da Igreja Católica Romana sugerindo que seria apropriado que os indivíduos decidissem por si mesmos e chegassem às suas próprias conclusões quanto ao significado adequado da pedra de Mateus 16? Mas é exatamente isso que Agostinho faz, embora não nos deixe dúvidas sobre o que ele, como um bispo e teólogo da Igreja, pessoalmente acredita. E sua visão não era uma nova interpretação, feita no final de sua vida, mas seu ensino consistente ao longo de seu ministério. Tampouco foi uma interpretação contrária à opinião predominante de sua época. A seguinte citação é representativa da visão geral defendida por este grande professor e teólogo:

'E eu te digo... Tu és Pedro, a pedra menor, e nesta rocha edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não a conquistarão. A você devo dar as chaves do reino. Tudo o que você ligar na terra também será ligado no céu; tudo o que desligardes na terra também será desligado no céu' (Mt

---

<sup>25</sup> JURGENS, William, *The Faith of the Early Fathers* (Collegeville: Liturgical, 1979), Vol. 3, p.1. Tradução livre.

<sup>26</sup> *The Fathers of the Church* (Washington D.C., Catholic University, 1968), Saint Augustine, *The Retractations*, Cap.20.1. Tradução livre.

16,15-19). Em Pedro, a pedra menor, vemos nossa atenção atraída para a rocha. Agora, o apóstolo Paulo diz sobre o povo anterior: 'Eles beberam da rocha espiritual que os perseguia; mas a rocha era Cristo' (1 Coríntios 10: 4). Então esse discípulo se chama Pedro por causa da pedra, como o Cristão por causa de Cristo (...). Por que eu quis fazer esta pequena introdução? Para sugerir a você que em Pedro a Igreja deve ser reconhecida. Cristo, você vê, construiu sua Igreja não sobre um homem, mas na confissão de Pedro. Qual é a confissão de Pedro? 'Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Aí está a rocha para você, aí está a fundação, é aí onde a Igreja foi construída, a qual as portas do inferno não podem conquistar.<sup>27</sup>

Agostinho não poderia ser mais claro em sua interpretação da rocha de Mateus 16. Em sua opinião, Pedro é representante de toda a Igreja. A rocha não é a pessoa de Pedro, mas o próprio Cristo. De fato, nas afirmações acima, ao realizar a exegese de Mateus 16, ele diz explicitamente que Cristo não construiu sua Igreja sobre um homem, referindo-se especificamente a Pedro. Se Cristo não edificou sua Igreja sobre um homem, então ele não estabeleceu um ofício papal com os sucessores de Pedro nos bispos de Roma. Novamente, se alguém examinar a documentação dos escritos de Agostinho que são fornecidos em *Jesus, Peter and the Keys*, esta referência particular não será encontrada. Claramente, os autores se esqueceram de fornecer tal documentação porque ela abala completamente sua posição.

A seguinte e extensa documentação revela que Agostinho ensinou que Pedro era um representante figurativo da Igreja, não seu governante — uma visão que lembra Cipriano:

'Mas quem dizeis que eu sou?', Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. **Por meio de um deu a resposta a vários**, Unidade em muitos. Disse-lhe então o Senhor: 'Bendito és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne nem sangue que lhe revelou, mas meu Pai que está nos céus'. Então Ele acrescentou, 'e eu te digo'. Como se Ele tivesse dito: 'Porque me disseste: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" Eu também te digo: "Tu és Pedro." — pois antes ele era chamado de Simão. Agora, este nome de Pedro foi dado a ele pelo Senhor, e em uma figura, para que ele significasse a Igreja. Por ver que Cristo é a rocha (*Petra*), Pedro é o povo cristão. Pois a rocha (*Petra*) é o nome original. Portanto, Pedro é assim chamado da rocha; não a rocha de Pedro; como Cristo não é chamado de Cristo por meio do cristão, mas o cristão por meio de Cristo. 'Portanto', diz ele, 'Tu és Pedro; e sobre esta Pedra' que Tu confessaste, sobre esta pedra que Tu reconheceste, dizendo: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo, edificarei Minha Igreja'; isto é, sobre Mim, o Filho do Deus vivo, 'eu edificarei Minha Igreja'. Eu te edificarei sobre mim mesmo, não eu mesmo sobre ti.

Pois homens que desejavam ser edificados sobre os homens, diziam: 'Eu sou de Paulo; e eu de Apolo; e eu de Cefas', que é Pedro. Mas outros que não desejavam construir sobre Pedro, mas sobre a Rocha, disseram: 'Mas eu sou de Cristo'. E quando o apóstolo Paulo se certificou de que ele era escolhido e que Cristo era desprezado, ele disse: 'Está Cristo dividido? Paulo foi crucificado por você? Ou fostes batizados em nome de Paulo?' e, como não em nome de Paulo, também não em nome de Pedro; mas em nome de Cristo: para que Pedro seja edificado sobre a Rocha, não a Rocha

---

<sup>27</sup> ROTELLE, John., Ed., *The Works of Saint Augustine* (New Rochelle: New City Press, 1993), Sermons, Vol. 6, Sermon 229P.1, p. 327

sobre Pedro. Este mesmo Pedro, portanto, que havia sido pela Rocha pronunciado 'bem-aventurado', carregando a figura da Igreja.<sup>28</sup>

E esta Igreja, simbolizada na sua generalidade, foi personificada no Apóstolo Pedro, por causa do primado do seu apostolado. Pois, no que diz respeito à sua personalidade própria, ele era por natureza um homem, pela graça um cristão, por uma graça ainda mais abundante, e ainda assim, o primeiro apóstolo; mas quando lhe foi dito: 'Dar-te-ei as chaves do reino dos céus e tudo o que ligares na Terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado no céu', representou ele a Igreja universal, que neste mundo é abalada por várias tentações, que caem sobre ela como torrentes de chuva, inundações e tempestades, e não cai, porque é fundada sobre uma rocha (*petra*), da qual Pedro recebeu seu nome. Pois *petra* (rocha) não é derivada de Pedro, mas Pedro de *petra*; assim como Cristo não é chamado assim pelo cristão, mas o cristão por Cristo. Pois justamente por isso o Senhor disse: 'Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja', porque Pedro disse: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Sobre esta rocha, portanto, disse Ele, que tu confessaste, edificarei minha Igreja. Pois a Rocha (*Petra*) era Cristo; e sobre este fundamento foi construído o próprio Pedro. Pois ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que está posto, que é Cristo Jesus. A Igreja, portanto, fundada em Cristo, recebeu Dele as chaves do reino dos céus na pessoa de Pedro, ou seja, o poder de ligar e desligar os pecados. Pois o que a Igreja está essencialmente em Cristo, representativamente é Pedro na rocha (*petra*); e nesta representação Cristo deve ser entendido como a Rocha.<sup>29</sup>

Antes da sua paixão, o Senhor Jesus, como sabem, escolheu aqueles seus discípulos, a quem chamou apóstolos. Entre eles, foi apenas Pedro que quase em todos os lugares teve o privilégio de representar toda a Igreja. Foi na pessoa de toda a Igreja, que só ele representou, que teve o privilégio de ouvir: 'A vós darei as chaves do reino dos céus' (Mt 16,19). Afinal, não foi apenas um homem que recebeu essas chaves, mas a Igreja em sua unidade. Portanto, esta é a razão da reconhecida preeminência de Pedro, que ele representou a universalidade e a unidade da Igreja, quando lhe foi dito: 'A vocês eu confio', o que de fato foi confiado a todos.

Quero dizer, para mostrar a vocês que é a Igreja que recebeu as chaves do reino dos céus, ouça o que o Senhor diz em outro lugar a todos os seus apóstolos: 'Recebam o Espírito Santo'; e imediatamente: 'Cujos pecados você perdoa, eles serão perdoados; cujos pecados você retém, eles serão retidos' (Jo 20:22-23). Isso se refere às chaves sobre as quais é dito: 'Tudo o que desligardes na terra será desligado no céu, e tudo o que ligardes na terra será ligado no céu' (Mt 16:19). Isso foi dito a Pedro para te mostrar que Pedro naquele tempo representava a Igreja universal, ouça o que lhe é dito, o que se diz a todos os fiéis, os santos: 'Se o teu irmão pecar contra ti, corrige-o apenas entre ti e ele mesmo'.<sup>30</sup>

De acordo com Agostinho, os apóstolos são iguais em todos os aspectos. Cada um recebe a autoridade das chaves, não apenas Pedro. Mas alguns objetam: Agostinho não concede primazia ao apóstolo Pedro? Ele não chama Pedro de o primeiro dos apóstolos, ocupando o lugar principal no apostolado? Essas declarações não provam a primazia papal? Embora seja verdade que Agostinho tenha algumas coisas muito exaltadas a dizer sobre Pedro, assim como muitos dos padres, isso não significa que ele ou eles sustentaram

---

<sup>28</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume VI, St. Augustin, Sermon XXVI.1-4, pp. 340-341

<sup>29</sup> Ibid, Volume VII, St. Augustin, *On the Gospel of John*, Tractate 124.5

<sup>30</sup> ROTELLE, John, Ed., *The Works of Saint Augustine* (Hyde Park: New City, 1994), Sermons, III/8 (273-305A), *On the Saints*, Sermon 295.1-3, pp. 197-198

a visão católica romana do primado papal. Isso ocorre porque seus comentários se aplicam apenas a Pedro, o que quer dizer que eles não têm absolutamente nada a ver com os bispos de Roma. Como nós sabemos disso? Porque Agostinho e os Pais não fazem essa aplicação em seus comentários. Eles não afirmam que suas descrições de Pedro se aplicam aos bispos de Roma. O erro comum cometido pelos apologistas católicos romanos é a suposição de que, como alguns dos Pais fazem certos comentários sobre Pedro — por exemplo, que ele é o chefe dos apóstolos ou o chefe do coro apostólico —, eles também têm em mente o bispo de Roma em um sentido exclusivo. Mas eles não afirmam isso em seus escritos. Esta é uma teologia preconcebida que é lida em seus escritos.

Eles viam os bispos de Roma como sucessores de Pedro? Sim. Eles viam os bispos de Roma como sucessores exclusivos de Pedro? Não. Na visão de Agostinho e dos primeiros Padres, todos os bispos da Igreja no Oriente e no Ocidente foram os sucessores de Pedro. Todos eles possuem a cadeira de Pedro. Portanto, quando falam em termos exaltados sobre Pedro, não aplicam estes termos aos bispos de Roma. Portanto, quando um Pai se refere a Pedro como a Rocha, o corifeu, o primeiro dos discípulos ou algo semelhante, isso não significa que ele esteja expressando concordância com a atual interpretação católica romana. Esta visão é claramente validada a partir das seguintes declarações de Agostinho: “Este mesmo Pedro, portanto, que havia estado junto à Rocha, declarado ‘bem-aventurado’, trazendo a figura da Igreja, ocupando o lugar principal no Apostolado”.<sup>31</sup> “O bendito Pedro, o primeiro dos apóstolos”.<sup>32</sup>

Antes da sua paixão o Senhor Jesus, como sabem, escolheu aqueles seus discípulos, a quem chamou apóstolos. Entre eles, foi apenas Pedro que quase em todos os lugares teve o privilégio de representar toda a Igreja. Foi na pessoa de toda a Igreja, que só ele representou, que teve o privilégio de ouvir: ‘A vós darei as chaves do reino dos céus’ (Mt 16,19). **Afinal, não foi apenas um homem que recebeu essas chaves, mas a Igreja em sua unidade. Portanto, esta é a razão da reconhecida preeminência de Pedro, que ele representou a universalidade e a unidade da Igreja, quando lhe foi dito: ‘A você eu confio’, o que de fato foi confiado a todos.**<sup>33</sup>

Anteriormente, é claro, ele se chamava Simão; este nome de Pedro foi-lhe concedido pelo Senhor, e isso com a intenção simbólica de representar a Igreja. Porque Cristo, você vê, é a *petra* ou rocha; Pedro, ou a pedra menor, é o povo cristão.<sup>34</sup>

Então, este mesmo Pedro, abençoado por ter o sobrenome de pedra menor da rocha, representando a pessoa da Igreja, ocupando o lugar principal nas fileiras apostólicas.<sup>35</sup>

Pois, como algumas coisas são ditas que parecem peculiarmente aplicar-se ao Apóstolo Pedro, mas não são claras em seu significado, **a menos que se refiram à Igreja, a quem se reconhece que ele representou figurativamente, devido ao primado que exerceu entre os discípulos;** como está escrito, ‘Eu te darei as chaves do reino dos céus’, e outras

---

<sup>31</sup> DE HIPONA, Agostinho, Sermão 26. Tradução livre.

<sup>32</sup> Ibid, Sermão 295. Tradução livre.

<sup>33</sup> Ibid. Tradução livre. (Grifo nosso).

<sup>34</sup> DE HIPONA, Agostinho, Sermão 76. Tradução livre.

<sup>35</sup> Ibid. Tradução livre.

passagens do mesmo significado: assim Judas representa aqueles judeus que eram inimigos de Cristo.<sup>36</sup>

Você se lembrará de que o apóstolo Pedro, o primeiro de todos os apóstolos, ficou completamente desequilibrado durante a paixão do Senhor.<sup>37</sup>

Cristo, você vê, construiu sua Igreja não sobre um homem, mas na confissão de Pedro. Qual é a confissão de Pedro? 'Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Aí está a rocha para você, aí está o alicerce, é aí onde a Igreja foi construída, que os portões do submundo não podem conquistar.<sup>38</sup>

E esta Igreja, simbolizada na sua generalidade, foi personificada no Apóstolo Pedro, por causa do primado do seu apostolado. Pois, no que diz respeito à sua personalidade própria, ele era por natureza um homem, pela graça um cristão, por uma graça ainda mais abundante, e ainda assim, o primeiro apóstolo; mas quando foi dito a ele: 'Dar-te-ei as chaves do reino dos céus e tudo o que ligares na Terra será ligado no céu; e tudo o que desligares na terra será desligado no céu', representou ele a Igreja universal, que neste mundo é abalada por várias tentações, que caem sobre ela como torrentes de chuva, inundações e tempestades, e não cai, porque é fundada sobre uma rocha (*petra*), da qual Pedro recebeu seu nome. Pois a *petra* (rocha) não é derivada de Pedro, mas Pedro da *petra*; assim como Cristo não é chamado assim pelo cristão, mas o cristão por Cristo. Pois justamente por isso o Senhor disse: 'Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja', porque Pedro disse: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Sobre esta rocha, portanto, disse Ele, que tu confessaste, edificarei minha Igreja. Pois a Rocha (*Petra*) era Cristo; e sobre este fundamento foi construído o próprio Pedro. Pois ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que está posto, que é Cristo Jesus. A Igreja, portanto, fundada em Cristo, recebeu Dele as chaves do reino dos céus na pessoa de Pedro, ou seja, o poder de ligar e desligar os pecados. Pois o que a Igreja é essencialmente em Cristo, representativamente é Pedro na rocha (*petra*); e nesta representação Cristo deve ser entendido como a Rocha, e Pedro como a Igreja.<sup>39</sup>

Agostinho afirma que Pedro é o primeiro e cabeça dos apóstolos e que ele detém o primado. No entanto, ele não interpreta essa primazia no sentido católico romano. Ele acredita que o primado de Pedro é figurativo na medida em que ele representa a Igreja universal. Novamente, ele afirma explicitamente que Cristo não construiu sua Igreja sobre um homem, mas sobre a confissão de fé de Pedro. Pedro é edificado sobre Cristo, a rocha, e como representante figurativo da Igreja, ele mostra como cada crente é edificado sobre Cristo. Na opinião de Agostinho, Pedro detém uma primazia ou preeminência, mas nada disso se aplica a ele em um sentido jurisdicional, porque ele diz que 'Cristo não edificou sua Igreja sobre um homem'. Não podemos obter uma ilustração mais clara de que os pais de fato separaram a confissão de fé de Pedro da pessoa de Pedro. Ao comentar uma das referências de Agostinho a Pedro e a Rocha, John Rotelle, o editor da série Católica Romana sobre os Sermões de Agostinho, faz estas observações:

'Lá estava Pedro, e ele ainda não havia sido confirmado na rocha': isto é, em Cristo, participando de sua 'rocha' pela fé. Não significa confirmado

---

<sup>36</sup> DE HIPONA, Agostinho, Exposition on the Book of Psalms, Psalm 119. Tradução livre. (Grifo nosso).

<sup>37</sup> Ibid, Sermão 147. Tradução livre.

<sup>38</sup> Ibid, Sermão 229. Tradução livre.

<sup>39</sup> DE HIPONA, Agostinho, Commentary on the Gospel of John, Tractate 124.5. Tradução livre.

como a rocha, porque **Agostinho nunca pensa em Pedro como a rocha**. Afinal de contas, Jesus não o chamou de rocha... mas de 'pedra menor'. A rocha sobre a qual ele construiria sua Igreja era, para Agostinho, o próprio Cristo e a fé de Pedro, representando a fé da Igreja.<sup>40</sup>

Agostinho não endossa a interpretação católica romana. Repetidamente ele afirma que a rocha é Cristo, não Pedro. Agostinho não afirma nenhuma sucessão petrina exclusiva nos bispos romanos e nenhum cargo papal. Karlfried Froehlich resume as opiniões de Agostinho sobre Pedro e a rocha de Mateus 16 nestes comentários:

"A formulação de Agostinho (de Mateus 16:18,19), informada por uma preocupação tradicional do Norte da África pela unidade da Igreja, de que em Pedro *inus pro omnibus* (um por todos) havia respondido e recebido a recompensa, não sugeria mais do que uma leitura figurativa de Pedro como imagem da verdadeira igreja. À luz da queda e negação subsequentes de Pedro, o próprio nome foi regularmente declarado ser derivado de Cristo, a verdadeira rocha. Agostinho, que seguiu Orígenes nesta suposição, ficou fascinado com a dialética do 'bem-aventurado' Pedro (Mt 16:17) sendo tratado como 'Satanás' alguns versículos depois (v. 23). Em Pedro, fraco em si mesmo e forte apenas em sua conexão com Cristo, a Igreja podia ver a imagem de sua total dependência da graça de Deus.

Agostinho separou rigorosamente a denominação de sua explicação: Cristo não disse a Pedro: 'você é a rocha', mas 'você é Pedro'. A Igreja não foi construída sobre Pedro, mas sobre a única rocha verdadeira, Cristo. Agostinho e os exegetas medievais depois dele encontraram a justificativa para esta interpretação em 1ª Coríntios 10:4. A chave alegórica deste versículo já havia sido aplicada a numerosas passagens bíblicas nas rochas na tradição testemunhal africana anterior. Mt 16:18 não foi exceção. Se a metáfora da rocha não se referia a uma categoria negativa de rochas "duras", ela tinha que ser lida cristologicamente.<sup>41</sup>

Karl Morrison resume as opiniões de Agostinho sobre a eclesiologia nestas palavras:

Foi dito que Pedro recebeu o poder das chaves, não por direito próprio, mas como representante de toda a Igreja. Sem contestar o primado de honra de Roma, Agostinho sustentou que todos os apóstolos, e todos os seus sucessores, os bispos, compartilhavam igualmente os poderes que Cristo concedeu a Pedro.<sup>42</sup>

Reinhold Seeberg, o historiador da Igreja Protestante, faz esses comentários sobre a interpretação de Pedro de Agostinho, apontando que ela reflete a visão de Cipriano:

A ideia do primado romano também não recebe nenhuma elucidação especial nas mãos de Agostinho. Encontramos um reconhecimento geral da 'primazia da cadeira apostólica', mas Agostinho nada sabe sobre qualquer autoridade especial investida em Pedro ou seus sucessores. Pedro é uma 'figura da igreja' ou de 'bons pastores' e representa a unidade da igreja (sermão. 295.2; 147.2). Nisto consiste o significado de sua posição e de seus sucessores... Como todos os bispos (em contraste com as Escrituras)

---

<sup>40</sup> ROTELLE, John, Ed., The Works of Saint Augustine (New Rochelle: New City, 1993), Sermons, Sermon 265D.6, p. 258-259, n. 9. Tradução livre. (Grifo nosso).

<sup>41</sup> FROEHLICH, Karlfried, Saint Peter, Papal Primacy, and Exegetical Tradition, 1150-1300, pp. 3, 8-14. Taken from The Religious Roles of the Papacy: Ideals and Realities, 1150-1300, ed. Christopher Ryan, Papers in Medieval Studies 8 (Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1989).

<sup>42</sup> MORRISON, Karl, Tradition and Authority in the Western Church 300-1140 (Princeton: Princeton University, 1969), p. 162.

podem errar (unit. eccl. II. 28), o mesmo ocorre com o bispo romano. Esta opinião é claramente manifesta a partir da postura de Agostinho e seus colegas na controvérsia pelagiana... Dogmaticamente, não houve avanço da posição de Cipriano. Os africanos, em suas relações com Roma, desempenharam um pouco o papel do galicanismo de um período posterior.<sup>43</sup>

W.H.C. Frend afirma o consenso acima da eclesiologia de Agostinho e sua interpretação da comissão de Pedro:

Agostinho (...) rejeitou a ideia de que 'o poder das chaves' havia sido confiado somente a Pedro. **Sua primazia era simplesmente uma questão de privilégio pessoal e não de um cargo.** Da mesma forma, ele nunca censurou os donatistas por não estarem em comunhão com Roma, mas pela falta de comunhão com a Sé apostólica como um todo. Sua visão do governo da Igreja era que questões menos importantes deveriam ser resolvidas por concílios provinciais, questões maiores em concílios gerais.<sup>44</sup>

Agostinho é o maior Pai da Igreja e teólogo da era patrística, escrevendo após 400 anos de história da Igreja. A constituição da Igreja deveria ter sido uma questão firmemente resolvida, especialmente porque o Vaticano I afirma que seus ensinamentos papais e sua interpretação de Mateus 16, sobre os quais repousam, têm sido a crença e o ensino da Igreja desde o início. No entanto, Agostinho interpreta Mateus 16 de uma maneira protestante e ortodoxa, repudiando explicitamente a interpretação católica romana do Vaticano I. Como podemos explicar isso? O Vaticano I afirma que a rocha de Mateus 16 é a pessoa de Pedro e tem sido a opinião unânime dos padres da Igreja. Então, por que Agostinho tinha uma visão contrária àquela que era supostamente a opinião universal da Igreja de sua época e em toda a história da Igreja anterior? De acordo com Roma, esta passagem contém a chave para a constituição da Igreja dada pelo próprio Cristo, que foi plenamente reconhecida desde o início. Se fosse assim, por que Agostinho contradiria propositalmente a interpretação universal de uma passagem tão fundamental e importante? A resposta, muito simplesmente, é que os Pais não interpretaram a pedra de Mateus 16 da maneira como o Vaticano I o faz. Agostinho é apenas um representante proeminente da opinião da Igreja como um todo.

Os autores de *Jesus, Peter and the Keys* sugerem que Agostinho inventou uma nova interpretação da rocha de Mateus 16 ao afirmar que a rocha é Cristo. Especificamente, eles afirmam: "Agostinho inventou uma nova exegese (de Mateus 16:18,19) — que a rocha é Cristo".<sup>45</sup>

Esta é uma declaração completamente mal informada. Como vimos, essa interpretação foi utilizada por Eusébio no século IV, muitos anos antes de Agostinho.

## 2.6 Ambrósio de Milão (333-397 d.C)

---

<sup>43</sup> SEEBERG, Reinhold, Text-Book of the History of Doctrines (Grand Rapids: Baker, 1952), Volume I, p. 318-319.

<sup>44</sup> FREND, W.H.C., The Early Church (Philadelphia: Fortress, 1965), p. 222. (Grifo nosso).

<sup>45</sup> BUTLER, Scott; DAHLGREN, Norman; HESS, David, Jesus, Peter and the Keys (Santa Barbara: Queenship, 1996), p. 25



Ambrósio foi o bispo da Sé de Milão, na última parte do século IV. Ele foi um dos maiores Padres da Igreja Ocidental, o mentor de Agostinho, e universalmente reconhecido como um dos maiores teólogos da era patrística. Ele é um dos poucos Padres ocidentais que seriam reconhecidos teologicamente pela Igreja Católica Romana como um Doutor da Igreja. Ele foi o principal teólogo e bispo notável da Igreja Ocidental. Ele é um pai frequentemente citado em apoio à atual interpretação católica romana de Mateus 16:18. A seguinte citação é a que mais frequentemente é fornecida em apoio a este ponto de vista: “É para o próprio Pedro que Ele diz: ‘Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja.’ Onde Pedro está, ali está a Igreja.”<sup>46</sup>

A impressão dada pelos apologistas católicos romanos é que nesses comentários Ambrósio apoia a interpretação católica romana de Mateus 16. Eles aplicam a seguinte lógica à sua declaração: a citação acima parece sugerir que a pessoa de Pedro é a rocha. E como os bispos de Roma são os sucessores de Pedro, são, portanto, por sucessão, as ‘rochas’ da Igreja. Portanto, de acordo com Ambrósio, a Igreja está fundada no governo universal dos bispos de Roma. Estar em comunhão com Roma é estar na Igreja. Estar fora da comunhão com Roma é estar fora da Igreja, pois onde Pedro (isto é, o bispo de Roma) está, aí está a Igreja. É isso que Ambrósio quis dizer?

Se separarmos esta frase de seu contexto e do resto de seus comentários sobre Pedro em outros escritos, certamente poderíamos nos inclinar para essa interpretação. No entanto, Ambrósio fez outros comentários sobre Pedro e Mateus 16 que explicam exatamente o que ele quis dizer quando disse que Pedro é a rocha. Infelizmente, esses outros comentários são frequentemente negligenciados nas discussões dos apologistas católicos romanos. Frequentemente, uma citação como essa é fornecida fora do contexto. O resultado é que uma interpretação dada às palavras de Ambrósio é completamente estranha ao seu verdadeiro significado. Isso se torna claro após o exame de suas outras declarações:

Ele, então, que antes estava em silêncio, para nos ensinar que não devemos repetir as palavras dos ímpios, este, eu digo, quando ouviu, ‘Mas quem vocês dizem que eu sou’, imediatamente, não esquecendo de seu estado, exerceu seu primado, isto é, o primado da confissão, não de honra; **a primazia da crença, não da posição.** Este, então, é Pedro, que respondeu pelos demais apóstolos; antes do resto dos homens. E assim ele é chamado de fundamento, porque ele sabe como preservar não só o seu próprio, mas o fundamento comum (...). A fé, então, é o fundamento da Igreja, pois não foi dito da carne de Pedro, mas de sua fé, que ‘as portas do inferno não prevalecerão contra ela’. Mas sua confissão de fé venceu o inferno. E esta confissão não excluiu nenhuma heresia, pois, uma vez que a Igreja como um bom navio é frequentemente golpeada por muitas ondas, o fundamento da Igreja deve prevalecer contra todas as heresias.<sup>47</sup>

Jesus disse-lhes: Quem os homens dizem que eu sou? Simão Pedro respondendo disse: O Cristo de Deus (Lc 9:20). Se para Paulo é suficiente ‘nada saber senão Cristo Jesus e este crucificado’ (1Co 2:2), o que mais devo desejar do que conhecer a Cristo? Pois neste único nome está a expressão de Sua Divindade e Encarnação, e fé em Sua Paixão. E, conseqüentemente, embora os outros apóstolos soubessem, ainda Pedro

---

<sup>46</sup> JURGENS, W.A., *The Faith of the Early Fathers* (Collegeville: Liturgical, 1979), Volume 2, St. Ambrose, On Twelve Psalms 440, 30, p. 150. Tradução livre.

<sup>47</sup> *The Fathers of the Church* (Washington D.C., Catholic University, 1963), Saint Ambrose, Theological and Dogmatic Works, The Sacrament of the Incarnation of Our Lord IV.32-V.34, pp. 230–231. Tradução livre.

responde antes dos demais: 'Tu és o Cristo, o Filho de Deus' (...) Acredite, portanto, como Pedro acreditava, para que você também seja abençoado, e que você também mereça ouvir, 'Porque não foi carne e sangue que to revelou a ti, mas a meu Pai que está nos céus' (...) Pedro, portanto, não esperou pela opinião do povo, mas apresentou a sua própria, dizendo: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo': Quem sempre é, não começou a ser, nem deixa de ser. Grande é a graça de Cristo, que comunicou quase todos os Seus nomes aos discípulos. 'Eu sou', disse Ele, 'a luz do mundo', e ainda assim com aquele mesmo nome em que Ele se gloria, Ele favoreceu Seus discípulos, dizendo: 'Vós sois a luz do mundo', 'eu sou o pão vivo' e 'todos nós somos um pão' (1Cor. 10:17) (...) Cristo é a rocha, pois 'eles beberam da mesma rocha espiritual que os seguia, e a rocha era Cristo' (1 Cor. 10:4); também Ele não negou a Seu discípulo a graça deste nome; que ele deveria ser Pedro, porque ele tem da rocha (*petra*) a solidez da constância, a firmeza da fé. Esforce-se, portanto, para ser uma rocha! Não busque a rocha fora de você, mas dentro de você! Sua rocha é sua ação, sua rocha é sua mente. Sobre esta rocha tua casa foi construída. Sua rocha é sua fé, e a fé é o fundamento da Igreja. Se você é uma rocha, você estará na Igreja, porque a Igreja está sobre uma rocha. Se você está na Igreja, as portas do inferno não prevalecerão contra você (...) Aquele que conquistou a carne é o fundamento da Igreja; e se ele não pode ser igual a Pedro, ele pode imitá-lo.<sup>48</sup>

O que Ambrósio quis dizer quando disse que Pedro é o alicerce? No sentido de que ele foi o primeiro a confessar abertamente a fé em Cristo como o Messias e Filho de Deus. A rocha não é o próprio Pedro, mas a confissão de fé de Pedro! É esta fé que é o fundamento da Igreja. Pedro possui um primado, mas ele explica esse primado como um primado de confissão e fé e não de posição no sentido de governar os outros apóstolos. Assim, quando Ambrósio diz que 'onde Pedro está, está a Igreja', ele quer dizer que onde está a confissão de Pedro, aí está a Igreja. Ele não está se referindo ao bispo de Roma. Ele passa a dar uma exposição da rocha que lembra a interpretação de Orígenes, que diz que todos os crentes são rochas. Como Robert Eno aponta, quando o contexto geral da declaração de Ambrósio é levado em consideração, demonstra que a interpretação dada por Fastiggi e outros é uma deturpação completa da declaração de Ambrósio, uma vez que sua declaração não tem nada a ver com eclesiologia e autoridade papal. Robert Eno dá a seguinte explicação:

Não há dúvida, então, de que Ambrósio honrou a Sé romana, mas há outros textos que parecem estabelecer uma certa distância e independência também. Ele comentou, por exemplo, que o primado de Pedro era um primado da confissão, não da honra; uma primazia da fé, não de posição (...). Finalmente, um outro texto deve ser mencionado em conexão com Ambrósio, uma vez que é um texto que, como *Roma locuta est*, tornou-se uma espécie de slogan. Esta é a breve frase de seu comentário sobre o quadragésimo Salmo: *Ubi Petrus, ibi ecclesia* (onde está Pedro, está a Igreja). Como Roger Gryson mostrou, em seu estudo sobre Ambrósio e o sacerdócio, o contexto de tal declaração nada tem a ver com nenhum tratado de eclesiologia. É apenas uma afirmação em uma longa cadeia de exegese alegórica começando com a linha do Salmo 41:9: 'Até mesmo meu amigo íntimo em quem eu confiava (...) levantou seu calcanhar contra mim'. Isso não nega a associação bastante comum de Pedro como o símbolo da Igreja, a figura *ecclesiae* que vimos em Agostinho. Mas diz pouco do que é novo e absolutamente nada sobre a autoridade do papa.<sup>49</sup>

<sup>48</sup> Commentary in Luke VI.98, CSEL 32.4. Tradução livre.

<sup>49</sup> ENO, Robert, *The Rise of the Papacy* (Wilmington: Michael Glazier, 1990), pp. 83–84. Tradução livre.

Na visão dos padres, como visto nos exemplos de Cipriano, Ambrósio e Agostinho, a Igreja não está incorporada em um indivíduo, mas em uma confissão de fé correta. Onde você tem a confissão certa, você tem Pedro. Isso é declarado explicitamente, por exemplo, por Crisóstomo. Como Ambrósio, ele diz que onde Pedro está há a Igreja no sentido da confissão de Pedro e ele a aplica não a Roma, mas a Antioquia: 'Embora não retenhamos o corpo de Pedro, retemos a fé de Pedro, e retendo a fé de Pedro, temos Pedro'.

É importante notar também que Ambrósio, como Agostinho, separa a confissão de fé de Pedro da pessoa do próprio Pedro: "A fé, então, é o fundamento da Igreja, pois não foi dito da carne de Pedro, mas de sua fé, que 'as portas do inferno não prevalecerão contra ela'".<sup>50</sup>

Isso demonstra conclusivamente a falsidade das afirmações de alguns apologistas romanos de que os pais não separaram a confissão de Pedro da pessoa de Pedro. Ambrósio fez isso como Agostinho, e também outros Pais, como veremos. Esses Pais não acreditavam que a Igreja foi construída sobre a pessoa de Pedro, mas somente em Cristo ou na confissão de fé de Pedro em um sentido secundário. E de modo geral, quando os Pais afirmam que a Igreja é construída sobre Pedro, eles querem dizer que é construída sobre sua fé.

Karlfried Froehlich afirma exatamente isto em seus comentários sobre a exegese patrística da Rocha de Mateus 16:18:

A maioria dos exegetas orientais, especialmente após as controvérsias doutrinárias do quarto século, leem o v. 18 como a culminação dos vv. 16,17: 'sobre esta pedra' significa 'sobre a fé ortodoxa que você acabou de confessar'. Introduzida no Ocidente por Ambrósio e a tradução dos exegetas antioquenos, esta equação *Petra* = *Fides* manteve um lugar importante ao lado da alternativa cristológica, ou como sua explicação mais precisa: a rocha da igreja era Cristo, que era o conteúdo da confissão de Pedro.<sup>51</sup>

Isso pode ser visto no exemplo do próprio Ambrósio. Em outras passagens, ele se refere a Cristo como a rocha: "Eles sugaram mel da rocha firme' (Dt 32:13): pois a carne de Cristo é uma rocha, que redimiu o céu e o mundo inteiro (1 Co 10:4)".<sup>52</sup> "Quando o galo cantou, a própria rocha da Igreja acabou com sua culpa".<sup>53</sup>

Para Ambrósio, então, a rocha não é Pedro, mas sua confissão de fé. Ele aponta para a pessoa de Cristo como a rocha definitiva. Portanto, é possível fazer parecer que Ambrósio tem uma visão particular quando na verdade não tem, por não apresentar seu ensino completo sobre o assunto.

## 2.7 João Crisóstomo (347-407 d.C)

<sup>50</sup> On the Inscription of Acts, II. Citação retirada de E. Giles, Documents Illustrating Papal Authority (London: SPCK, 1952), p.168. Tradução livre.

<sup>51</sup> FROEHLICH, Karlfried, Saint Peter, Papal Primacy, and Exegetical Tradition, 1150-1300, p. 12. Taken from The Religious Roles of the Papacy: Ideals and Realities, 1150-1300, ed. Christopher Ryan, Papers in Medieval Studies 8 (Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1989).

<sup>52</sup> Epistle 43.9, apud J. Waterworth S.J. A Commentary (London: Thomas Richardson, 1871), p. 76. Tradução livre.

<sup>53</sup> Hymn. *Aeterne rerum conditor*, apud J. Waterworth S.J., A Commentary (London: Thomas Richardson, 1871), p. 76. Tradução livre.

João Crisóstomo foi um Pai oriental que viveu durante a segunda metade do século IV. Ele foi um sacerdote de Antioquia, bispo de Constantinopla e contemporâneo de alguns dos maiores Padres da Igreja na história da Igreja (como Epifânio, Ambrósio, Agostinho e Jerônimo). Ele foi o escritor mais prolífico dos Padres orientais e é considerado por muitos o maior pregador, comentarista e teólogo a agraciar a Igreja Oriental. Ele era conhecido como o pregador da ‘boca de ouro’ por sua eloquência. Ele morreu no exílio em 407 d.C. William Jurgens faz estes comentários sobre ele: “Alguns dirão que João Crisóstomo é incomparável em qualquer lugar, enquanto outros dirão que ele é igualado apenas por Agostinho (...). Ninguém mais entre os Padres Gregos tem um corpo tão grande de escritos existentes como Crisóstomo”.<sup>54</sup>

Qual era a visão de Crisóstomo sobre Pedro e sua interpretação da rocha de Mateus 16? Isso coincide com o ensino do primado papal defendido pela Igreja de Roma? A resposta é não. As opiniões de Crisóstomo são muito semelhantes às de Agostinho. Como vimos, Agostinho tinha uma visão muito elevada de Pedro. Ele o chamou de chefe e primeiro dos apóstolos, mas afirmou que a rocha não era Pedro, mas Cristo. Uma imagem muito semelhante se apresenta nos escritos de Crisóstomo. Em seu livro *Studies in the Early Papacy*, o apologista católico romano Dom Chapman fez referência a aproximadamente noventa citações dos escritos de Crisóstomo, que ele alega como prova de uma afirmação clara e inequívoca de um primado Petrino e, portanto, de uma primazia papal. Mas Dom Chapman cometeu um erro primário de historiografia — o de reler nos escritos de uma época anterior as pressuposições e conclusões de uma época posterior. Ele presume que, porque um Pai em particular faz certas declarações sobre Pedro, ele deve ter um primado de jurisdição em mente e que isso se aplica em seu pensamento ao bispo de Roma em um sentido exclusivo também. Mas, como vimos com Agostinho, esse não é o caso. Um exame atento dos comentários de Crisóstomo demonstra que isso também é verdade no caso dele. Como Agostinho, Crisóstomo faz algumas declarações muito exaltadas sobre Pedro:

Pedro, aquele chefe dos apóstolos, primeiro na Igreja, o amigo de Cristo que não recebeu revelação do homem, mas do Pai, como o Senhor lhe deu testemunho dizendo: ‘Bendito és tu, Simão Barjonas, pois carne e sangue não te revelou isso, mas meu Pai que está nos céus’. Este mesmo Pedro (quando digo ‘Pedro’, eu nomeio uma rocha inquebrável, uma crista imóvel, um grande apóstolo, o primeiro dos discípulos, o primeiro chamado e o primeiro obedecendo), este mesmo Pedro, eu digo, não cometeu um delito menor, mas muito grave. Ele negou o Senhor. Digo isso, não acusando um homem justo, mas oferecendo a vocês a oportunidade do arrependimento. Pedro negou o próprio Senhor e governador do mundo, o salvador de todos...<sup>55</sup>

Pedro, o corifeu do coro dos apóstolos, a boca dos discípulos, o fundamento da fé, o fundamento da confissão, o pescador do mundo, que trouxe de volta a nossa raça das profundezas do erro ao céu, aquele que é em todos os lugares fervorosos e cheios de ousadia, ou melhor, mais de amor do que de ousadia.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> JURGENS, William, *The Faith of the Early Fathers* (Collegeville: Liturgical Press, 1979), Volume 2, pp. 84-86. Tradução livre.

<sup>55</sup> De Eleemos III.4, M.P.G., Vol. 49, Col. 298. Tradução livre.

<sup>56</sup> *Hom. de decem mille talentis* 3, PG III, 20, apud CHAPMAN, Dom John, *Studies in the Early Papacy* (London: Sheed & Ward, 1928), p. 74. Tradução livre.

Estes são títulos exaltados, mas ao usá-los, Crisóstomo não quer dizer que Pedro possua o primado da jurisdição na Igreja ou que ele seja a rocha sobre a qual a Igreja está construída. Novamente, já vimos isso em Agostinho. Ele usa uma linguagem semelhante ao descrever Pedro, mas sem que isso tenha um significado católico romano. Sabemos que isso também é verdade para Crisóstomo porque ele aplica títulos semelhantes aos outros apóstolos e não interpretou a rocha de Mateus 16 como sendo Pedro. O termo corifeu, por exemplo, era um título geral aplicado por Crisóstomo a vários dos apóstolos, não exclusivamente a Pedro. Traz a ideia de liderança, mas não implica jurisdição. Crisóstomo usa esse termo para descrever Pedro, Tiago, João, André e Paulo. Ele afirma que, assim como Pedro recebeu o encargo do mundo, os apóstolos Paulo e João também o receberam. Assim como Pedro foi nomeado professor do mundo, Paulo também foi. Assim como Pedro era o portador das chaves do céu, o apóstolo João também era. Ele coloca os apóstolos em pé de igualdade em relação à autoridade:

Ele pegou os *coryphaei* e os conduziu para uma alta montanha à parte (...). Por que Ele leva esses três sozinhos? Porque eles superaram os outros. Pedro mostrou sua excelência por seu grande amor por Ele, João por ser muito amado, Tiago pela sua resposta (...) 'Nós podemos beber o cálice'.<sup>57</sup>

Você não vê que a chefia estava nas mãos desses três, principalmente de Pedro e Tiago? Essa foi a principal causa de sua condenação por Herodes.<sup>58</sup>

O corifeu, Pedro, o fundamento da Igreja, Paulo, o vaso da eleição.<sup>59</sup>

E se alguém disser 'como então Tiago recebeu a cadeira em Jerusalém?' Eu diria esta resposta, que Ele nomeou Pedro professor não da cadeira, mas do mundo... E isso Ele fez para afastá-los (Pedro e João) de sua simpatia fora de época um pelo outro; pois, uma vez que estavam prestes a receber o encargo do mundo, era necessário que não estivessem mais intimamente associados.<sup>60</sup>

Para o Filho do trovão, o amado de Cristo, a coluna das Igrejas em todo o mundo, que possui as chaves do céu, que bebeu o cálice de Cristo e foi batizado com Seu batismo, que se deitou no seio de seu Mestre, com muito confiança, este homem agora se apresenta a nós.<sup>61</sup>

O Deus misericordioso costuma dar esta honra aos seus servos, para que por sua graça outros possam adquirir a salvação; como foi acordado pelo beato Paulo, aquele mestre do mundo que emitia os raios de seu ensino em todos os lugares.<sup>62</sup>

É claro a partir dessas declarações que Crisóstomo, embora certamente concedendo um grande papel de liderança a Pedro, não o considera como o governante supremo da Igreja. Essas passagens demonstram que os títulos exaltados aplicados a Pedro não foram

<sup>57</sup> SCHAFF, Philipf, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume X, Saint Chrysostom, *Homilies on the Gospel of Saint Matthew*, Homily 56.2; p. 345. Tradução livre

<sup>58</sup> Ibid, Volume XI, Saint Chrysostom, *Homilies on the Acts of the Apostles*, Homily XXVI, p. 169.

<sup>59</sup> *Contra ludos et theatra* 1, PG VI, 265, apud CHAPMAN, Dom John, *Studies on the Early Papacy* (London: Sheed & Ward, 1928), p. 76. Tradução livre.

<sup>60</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume XIV, Saint Chrysostom, *Homilies on the Gospel of John*, Homily 88.1–2, pp. 331–332. Tradução livre.

<sup>61</sup> Ibid, *Homilies on the Gospel of John*, Homily 1.1, p. 1. Tradução livre

<sup>62</sup> Homily 24, *On Genesis*, apud GILES, E., *Documents Illustrating Papal Authority* (London: SPCK, 1952), p. 165. Tradução livre.

aplicados exclusivamente a Pedro. Mas essas passagens estão completamente ausentes da obra *Jesus, Peter and the Keys*. A passagem na qual Crisóstomo performa a exegese da rocha de Mateus 16 explicando que é a confissão de fé de Pedro também não está incluída. Como os autores desta obra podem alegar dar uma apresentação verdadeira e equilibrada da perspectiva de Crisóstomo, quando são culpados de tão flagrante e proposital desconsideração de seus escritos? Há uma passagem em que Crisóstomo afirma que Pedro recebeu autoridade sobre a Igreja: “Pois aquele que então não se atreveu a questionar Jesus, mas entregou o ofício a outro, foi até mesmo encarregado da autoridade principal sobre os irmãos”.<sup>63</sup>

Isso parece indicar que Crisóstomo ensinou que Pedro era o governante supremo da Igreja. No entanto, na passagem citada acima, Crisóstomo fala do apóstolo João como também recebendo o encargo de todo o mundo e as chaves igualmente com Pedro: “E isso Ele fez para afastá-los (Pedro e João) de sua simpatia fora de época um pelo outro; pois, uma vez que estavam prestes a receber o encargo do mundo, era necessário que não estivessem mais intimamente associados”.<sup>64</sup> “Para o Filho do trovão, o amado de Cristo, o pilar das Igrejas em todo o mundo, que possui as chaves do céu”.<sup>65</sup>

Ele continua, falando de Paulo como estando em pé de igualdade com Pedro:

Onde os Querubins cantam a glória, onde os Serafins estão voando, lá veremos Paulo, com Pedro, e como chefe e líder do coro dos santos, e desfrutaremos de seu amor (...). Eu amo Roma por isso, embora, de fato, tenhamos ainda outros motivos para elogiá-la (...). O céu não é tão brilhante, quando o sol emite seus raios, como é a cidade de Roma, enviando essas duas luzes em todas as partes do mundo. A partir daí Paulo será arrebatado, daí Pedro. Basta lembrar-se de você e estremecer ao pensar em que cena Roma verá, quando Paulo se levantar repentinamente daquele depósito, junto com Pedro, e for levantado para encontrar o Senhor. Que rosa Roma enviará a Cristo! (...) que duas coroas terá a cidade! Com que correntes de ouro ela será cingida! Que fontes possuem! Por isso admiro a cidade, não pelo muito ouro, nem pelas colunas, não pela outra exibição ali, mas por esses pilares da Igreja (1 Co 15:38).<sup>66</sup>

Além disso, Crisóstomo fala de Tiago, e não de Pedro, como possuidor do governo e autoridade principais em Jerusalém e sobre o Concílio de Jerusalém:

Este (Tiago) era bispo, como se costuma dizer, e por isso ele fala por último (...). Não havia arrogância na Igreja. Depois de Pedro, Paulo fala, e ninguém o silencia: Tiago espera pacientemente; não inicia (para a próxima palavra). Nenhuma palavra fala João aqui, nenhuma palavra os outros apóstolos, mas calaram-se, pois Tiago foi investido como o chefe principal [chief rule], e não acho que seja nenhuma dificuldade. Tão limpa estava sua alma pelo amor à glória. Pedro de fato falou mais fortemente, mas Tiago mais suavemente: pois assim cabe a alguém em alta autoridade deixar o que é desagradável para os outros dizerem, enquanto ele mesmo aparece na parte mais suave.<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume XIV, Saint Chrysostom, *Homilies on the Gospel of John*, Homily 88.1–2, pp. 331–332. Tradução livre.

<sup>64</sup> Ibid. Tradução livre.

<sup>65</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume XI, Saint Chrysostom, *Homilies on the Gospel of John*, Homily 1.1, p. 1. Tradução livre.

<sup>66</sup> Ibid, *Homilies on the Epistle to the romans*, homily 32, ver. 24. pp. 561-562. Tradução livre.

<sup>67</sup> Ibid, *Homilies on the Acts of Apostles*, homily 33, p. 205, 207. Tradução livre

Dom Chapman interpreta essas declarações em um sentido limitado da seguinte maneira:

Obviamente, é Tiago quem tem o 'governo' e o 'grande poder' como bispo dos fariseus crentes que iniciaram a discussão. Mas a ideia de que ele tinha (governo) sobre Pedro é, obviamente, ridícula, e a noção de que ele poderia ser o presidente do conselho certamente nunca ocorreu à mente de Crisóstomo.<sup>68</sup>

O problema com o que Chapman diz é que não é isso que Crisóstomo diz. Crisóstomo nada diz sobre o governo principal de Tiago ser limitado ao dos fariseus crentes. Não há uma palavra dita sobre os fariseus. Sua referência ao governo principal diz respeito ao Conselho Geral que Tiago presidiu. Quando todas as suas declarações sobre Pedro, Paulo, Tiago e João são tomadas juntas, fica claro que na mente de Crisóstomo, todos os apóstolos juntos mantinham o cuidado do mundo e a liderança da Igreja universalmente. Pedro não detinha o primado da jurisdição, mas do ensino, o que ele diz ser igualmente verdadeiro para João e Paulo: "E se alguém dissesse 'como Tiago recebeu a cadeira de Jerusalém?' Eu responderia que ele nomeou Pedro um professor não da cátedra, mas do mundo".<sup>69</sup>

Crisóstomo interpreta as chaves dadas a Pedro como uma autoridade declarativa para ensinar e pregar o evangelho e estender o reino de Deus, não uma primazia de jurisdição sobre os outros apóstolos:

Pois o Pai deu a Pedro a revelação do Filho; mas o Filho o deu para semear a do Pai e a de Si mesmo em todas as partes do mundo; e ao homem mortal Ele confiou a autoridade sobre todas as coisas no Céu, dando-lhe as chaves; que estendeu a Igreja a todas as partes do mundo, e declarou-a mais forte do que o céu.<sup>70</sup>

Essa autoridade foi compartilhada igualmente por todos os apóstolos. Crisóstomo afirma, por exemplo, que João também detinha a autoridade das chaves e, como Pedro, ele detinha uma autoridade universal de ensino sobre as igrejas em todo o mundo: "Para o Filho do trovão, o amado de Cristo, o pilar das Igrejas em todo o mundo, que possui as chaves do céu".<sup>71</sup>

Também é evidente na exegese de Crisóstomo de Mateus 16 que ele não ensinou que Pedro foi feito governante supremo da Igreja. Ele não interpretou a rocha de Mateus 16 como a pessoa de Pedro, mas sua confissão de fé, apontando para o próprio Cristo como a rocha e único fundamento da Igreja:

"E eu te digo: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja"; isto é, na fé de sua confissão. Nisto, Ele significa que muitos estavam a ponto de crer, e levanta o seu espírito, e faz dele um pastor (...). Porque o Pai deu a Pedro a revelação do Filho; mas o Filho o deu para semear a do Pai e a

---

<sup>68</sup> CHAPMAN, Dom John, *Studies on the Early Papacy* (London: Sheed & Ward, 1928), p. 90. Tradução livre.

<sup>69</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers Grand Rapids: (Eerdmans, 1956), Volume XIV, Saint Chrysostom, Homilies on the Gospel of John, Homily 88. 1-2, pp. 331-332.. Tradução livre.*

<sup>70</sup> *A Library of Fathers of the Holy Catholic Church (Oxford, Parker, 1844), Homilies of S. John Chrysostom on the Gospel of St. Matthew, Homily 54.3. Tradução livre.*

<sup>71</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume XIV, Saint Chrysostom, Homilies on the Gospel of John, Homily 1.1, p. 1. Tradução livre.*

de Si mesmo em todas as partes do mundo; e ao homem mortal Ele confiou a autoridade sobre todas as coisas no Céu, dando-lhe as chaves; que estendeu a igreja a todas as partes do mundo e declarou-a mais forte do que o céu.<sup>72</sup>

Ele fala desde então coisas humildes, em seu caminho para Sua paixão, para que Ele pudesse mostrar Sua humanidade. Pois Aquele que construiu Sua igreja sobre a confissão de Pedro, e a fortificou de tal forma, que dez mil perigos e mortes não prevalecerão sobre ela.<sup>73</sup>

‘Pois ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que está posto, que é Jesus Cristo’. Eu digo, nenhum homem pode assentá-lo enquanto for um grande construtor; mas se ele o fizer (...), ele deixa de ser um grande construtor. Veja como, mesmo a partir das noções comuns dos homens, ele prova toda a sua proposição. Seu significado é o seguinte: ‘Eu preguei Cristo, entreguei a vocês o fundamento. Preste atenção em como você constrói nele, para que não seja por vanglória, para não atrair os discípulos aos homens’. Não vamos, então, dar atenção às heresias. ‘Pois ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que está posto’. Sobre isso, então, vamos construir, e como um fundamento vamos apegar-nos a ele, como um ramo de uma videira; e que não haja intervalo entre nós e Cristo (...). Pois o galho por sua aderência atrai a gordura, e o edifício permanece porque está cimentado. Visto que, se ficar separado, ele perece, não tendo nada em que se sustentar. Não vamos então apenas nos agarrar a Cristo, mas vamos ser cimentados a Ele, pois se ficarmos separados, pereceremos (...) e, conseqüentemente, existem muitas imagens pelas quais Ele nos traz à união. Assim, se você marcar, Ele é a ‘Cabeça’, nós somos ‘o corpo’: pode haver algum intervalo vazio entre a cabeça e o corpo? Ele é um ‘Alicerce’, nós somos um ‘edifício’: Ele é uma ‘Videira’, nós ‘ramos’: Ele o ‘Noivo’, nós a ‘noiva’: Ele é o ‘Pastor’, nós as ‘ovelhas’: Ele é o ‘Caminho’, nós ‘aqueles que nele andam’. Novamente, nós somos um ‘templo’, Ele o ‘Morador interno’: Ele o ‘Primogênito’, nós os ‘irmãos’: Ele o ‘Herdeiro’, nós os ‘herdeiros junto com Ele’: Ele a ‘Vida’, nós os ‘vivos’: Ele a ‘Ressurreição’, nós ‘aqueles que ressuscitam’: Ele a ‘Luz’, nós os ‘iluminados’. Todas essas coisas indicam unidade; e eles não permitem nenhum intervalo vazio, nem mesmo o menor.<sup>74</sup>

Crisóstomo argumenta que a rocha não é Pedro, mas a confissão de fé de Pedro em Cristo como o Filho de Deus. Até Dom Chapman é forçado a admitir que Crisóstomo interpretou consistentemente a rocha como a confissão de fé de Pedro: “A rocha sobre a qual a Igreja será construída é regularmente considerada por Crisóstomo como a confissão de Pedro, ou a fé que motivou essa confissão”.<sup>75</sup>

É a confissão de Pedro que é o fundamento da Igreja. Pedro não é o fundamento. De acordo com Crisóstomo, essa posição pertence somente a Cristo. Dom Chapman se opõe a isso afirmando que, na mente de Crisóstomo, a rocha não é apenas a fé de Pedro, mas também a pessoa de Pedro. Ele cita uma passagem em que Crisóstomo fala de Pedro como sendo fortalecido por Cristo para permanecer como uma rocha contra um mundo hostil:

---

<sup>72</sup> Ibid, Volume X, Saint Chrysostom, Homilies on the Gospel of Saint Matthew, Homily 54.2-3; pp. 332-334. Tradução livre.

<sup>73</sup> SCHAFF, Philip, Nicene and Post-Nicene Fathers (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume X, Chrysostom, On Matthew, Homily 82.3, p. 494. Tradução livre.

<sup>74</sup> Ibid, Volume XII, Saint Chrysostom, Homilies on the Epistles of Paul to the Corinthians, Homily VIII.7, p. 47. Tradução livre.

<sup>75</sup> CHAPMAN, Dom John, Studies on the Early Papacy (London: Sheed & Ward, 1928), p. 77. Tradução livre.



Por aquelas coisas que são peculiares a Deus somente, (tanto para absolver dos pecados, e para tornar a igreja incapaz de ser derrubada em tais ondas violentas, e para exhibir um homem que é um pescador mais sólido do que qualquer rocha, enquanto todo o mundo é em guerra com ele), a estes Ele promete a si mesmo dar; como o Pai, falando com Jeremias, disse: Ele o faria como 'uma coluna de bronze e como uma parede'; mas ele para uma nação apenas, este homem em todas as partes do mundo.<sup>76</sup>

À luz dessas declarações, Chapman diz:

Acho que esta declaração por si só teria deixado claro que a Rocha é Pedro, na visão de Crisóstomo, bem como, e por causa, da firmeza de sua confissão. Ele não tem ideia das duas noções, 'Pedro é a Rocha' e 'sua fé é a Rocha' sendo mutuamente exclusivas, como, de fato, não são.<sup>77</sup>

Mas esta declaração é uma deturpação completa. Ao fazer a exegese da rocha de Mateus 16, pouco antes das declarações acima, Crisóstomo afirma que Pedro não é a rocha. Nas citações de Chapman, o que Crisóstomo está dizendo é que assim como o Senhor fortaleceu Jeremias para seu chamado, ele fortaleceria Pedro. Ele diz que será como uma rocha, não que seja a rocha de Mateus 16. Isso é muito semelhante à posição de Agostinho sobre Pedro:

Então, é o caso que agora Pedro é verdadeiro, ou que Cristo é verdadeiro em Pedro? Quando o Senhor Jesus Cristo desejou, ele deixou Pedro sozinho, e Pedro foi considerado homem; e quando isso agradou ao Senhor Jesus Cristo, ele encheu Pedro, e Pedro foi considerado verdadeiro. A Rocha tornou a pedra menor em Pedro verdadeiro, pois a Rocha era Cristo.<sup>78</sup>

De acordo com Agostinho, a rocha é Cristo e Cristo fez de Pedro uma rocha de força em sua fé. Mas Pedro não é a rocha de Mateus 16. Ele simplesmente obtém força para ser uma rocha da rocha, o próprio Cristo Jesus. E o que é verdade para Pedro se torna verdade para todos os cristãos, porque Pedro é um representante figurativo da Igreja. Em contraste com as afirmações de Chapman, os pais de fato separam a fé de Pedro da confissão de Pedro, tornando-as mutuamente exclusivas, como vimos com Agostinho e Ambrósio. Embora seja verdade que é a pessoa de Pedro que faz a confissão, o foco de Crisóstomo não está na pessoa de Pedro, mas na fé de Pedro. Crisóstomo tem uma visão semelhante à de Ambrósio que mencionamos anteriormente. Ambrósio diz que onde Pedro está (sua confissão), ali está a Igreja. Crisóstomo afirma a mesma posição quando diz: "Pois embora não retenhamos o corpo de Pedro, retemos a fé de Pedro, e retendo a fé de Pedro temos Pedro".<sup>79</sup>

Embora tivesse uma visão muito elevada da posição do apóstolo Pedro, Crisóstomo, como Agostinho, não transferiu essa posição para os bispos de Roma. Em seu pensamento,

---

<sup>76</sup> A Library of Fathers of the Holy Catholic Church (Oxford, Parker, 1844), Homilies of S. John Chrysostom on the Gospel of St. Matthew, Homily 54.3. Tradução livre.

<sup>77</sup> CHAPMAN, Dom John, Studies on the Early Papacy (London: Sheed & Ward, 1928), p. 79. Tradução livre.

<sup>78</sup> ROTELLE, John, The Works of Saint Augustine (Brooklyn: New City, 1992), Sermons, Sermon 147.3, p. 449. Tradução livre.

<sup>79</sup> On the Inscription of the Acts, II, apud GILES, E., Documents Illustrating Papal Authority (London: SPCK, 1952), p. 168. Cf. Chapman, Studies on the Early Papacy, p. 96. Tradução livre.

junto com Cipriano, Agostinho, Jerônimo e Ambrósio, todos os bispos são sucessores de Pedro. Não existe autoridade suprema de um bispo sobre outro. Em todas as suas observações sobre Pedro, onde Crisóstomo as aplica aos bispos de Roma em um sentido exclusivo? Ele nunca faz isso. Ele nunca faz essa aplicação pessoalmente em suas declarações e é historicamente desonesto afirmar que foi isso que ele quis dizer quando pessoalmente nunca disse isso. De forma semelhante a Cipriano, Crisóstomo se refere à cadeira de Pedro, afirmando que o bispo de Antioquia possui essa cadeira, demonstrando que em sua mente todos os bispos legítimos são sucessores de Pedro e não apenas o bispo de Roma:

Falando de Pedro, me veio a lembrança de outro Pedro, o pai e mestre comum, que herdou sua destreza e também obteve sua cadeira. Pois este é o grande privilégio de nossa cidade, Antioquia, que recebeu o líder dos apóstolos como seu mestre no início. Pois era justo que aquela que foi primeiro adornada com o nome de cristão, antes de todo o mundo, recebesse o primeiro dos apóstolos como seu pastor. Mas embora o tenhamos recebido como professor, não o retemos até o fim, mas o entregamos à Roma real. Ou melhor, nós o retemos até o fim, pois embora não retenhamos o corpo de Pedro, retemos a fé de Pedro, e retendo a fé de Pedro, temos Pedro.<sup>80</sup>

Em seu livro *The Eastern Churches and the Papacy*, Herbert Scott afirma que João Crisóstomo sustentava a visão do primado papal porque expressou opiniões exaltadas sobre o apóstolo Pedro. Ele pressupõe que, porque Crisóstomo fala de Pedro em termos exaltados, tais declarações se aplicam aos bispos de Roma em um sentido exclusivo. Mas quando pressionado pela questão de saber se Crisóstomo realmente faz essa aplicação ele mesmo, Scott é forçado a esta admissão significativa:

Admitindo-se que Crisóstomo reitera que Pedro é o corifeu, 'o pastor universal', etc., que evidência há, pergunta-se, de que ele reconheceu essas afirmações no bispo de Roma? Há algo em seus escritos nesse sentido? (...) Se for sustentado que todo esse trabalho de Crisóstomo pela honra e poderes de Pedro não exige por si só a posição exaltada de seus sucessores como sua explicação, deve-se reconhecer que há pouco ou nada em seus escritos que afirmam explícita e incontestavelmente que o bispo de Roma é o sucessor de Pedro em seu primado.<sup>81</sup>

Em outras palavras, não há evidência em nenhuma dos escritos de Crisóstomo de que ele tenha aplicado suas declarações sobre Pedro aos bispos de Roma. Não obstante, Scott prossegue sugerindo que as declarações de Crisóstomo implicam uma interpretação papal de suas palavras. Como diz Scott: "Certamente, porém, se Pedro é o fundamento da Igreja como Crisóstomo constantemente afirma, e se a Igreja é eterna como o Fundador a fez, ele deve durar tanto quanto o edifício, a Igreja, que é erguido sobre ele".<sup>82</sup>

A lógica empregada aqui por Scott é falha. Crisóstomo nunca fez tal declaração. Na verdade, ele explicou o que quer dizer quando afirma que Pedro é o fundamento. Não há razão para supor que Crisóstomo vislumbrou um ofício papal quando fala de Pedro como o

---

<sup>80</sup> On the Inscription of the Acts, II, apud GILES, E., *Documents Illustrating Papal Authority* (London: SPCK, 1952), p. 168. Cf. Chapman, *Studies on the Early Papacy*, p. 96. Tradução livre.

<sup>81</sup> SCOTT, S. Herbert, *The Eastern Churches and the Papacy* (London: Sheed & Ward, 1928), p. 133. Tradução livre.

<sup>82</sup> SCOTT, S. Herbert, *The Eastern Churches and the Papacy* (London: Sheed & Ward, 1928), p. 133. Tradução livre.

fundamento da Igreja. Vimos claramente nas declarações de Crisóstomo que ele ensinou que a Igreja foi construída sobre a confissão de fé de Pedro. Pode-se dizer que se baseia em Pedro apenas no sentido de que se baseia em sua confissão. Os comentários de Crisóstomo dados acima sobre Antioquia demonstram que ele ensina que o fundamento da Igreja é preservado ao longo da história assim como a confissão de fé de Pedro é preservada. Não é preservado ao ser construído sobre os bispos de Roma como supostos sucessores exclusivos de Pedro, mas sobre a confissão de Pedro. Como disse Crisóstomo: “Onde você tem a confissão de Pedro, você tem Pedro: ‘porque embora não retenhamos o corpo de Pedro, retemos a fé de Pedro, e retendo a fé de Pedro temos Pedro’”.<sup>83</sup>

No entanto, Scott passa a oferecer o que considera uma prova incontestável da expressão da primazia papal nos escritos de Crisóstomo:

De fato, há uma passagem que pode ser uma afirmação categórica do primado do papa: *De Sacerdotio* 53: ‘Por que Cristo derramou Seu Sangue? Para comprar as ovelhas que Ele confiou a Pedro e aos que vieram depois dele’. Pode-se dizer que S. Crisóstomo não quer dizer mais com isso do que todos aqueles que cuidam das almas. Por outro lado, pode haver uma referência apenas a Pedro e à sua comissão pessoal: ‘Apascenta minhas ovelhas’; e Crisóstomo logo depois realmente cita essas palavras. E quando alguém se lembra de seus comentários sobre os dados acima, como significando o ‘governo’ de Pedro e ‘governando os irmãos’, é pelo menos provável que aqui haja uma referência aos sucessores de Pedro na Sé de Roma.<sup>84</sup>

Essas afirmações são refutadas por Dom Chrysostom Baur, um biógrafo católico romano da vida de João Crisóstomo. Ele aponta que os escritos de Crisóstomo não contêm alusão a uma primazia papal e que a suposta evidência como aquela apelada por Scott distorce seus escritos para dizer o que se quer que eles digam. É ler uma teologia preconcebida em seus escritos que o próprio Crisóstomo nunca expressou. Baur comenta:

Uma questão mais importante é se Crisóstomo considerava o primado de Pedro como pessoal ou oficial e portanto um arranjo permanente da Igreja, e se ele correspondentemente atribuía o primado de jurisdição na Igreja também aos bispos de Roma (...). Crisóstomo nunca fez em suas obras quaisquer deduções questionáveis, nunca proferiu sentença com palavras claras sobre a jurisdição do Papa. Até P. Jugie admite isso francamente. N. Marini, que mais tarde se tornou cardeal, publicou um livro sobre o assunto. Com isso, ele busca, com a ajuda (...) de uma série de citações de Crisóstomo, provar que isso deve ser considerado uma evidência inequívoca da primazia jurisdicional dos sucessores de Pedro em Roma. Seu primeiro argumento foi emprestado do Tratado sobre o Sacerdócio. No Livro 2.1, Crisóstomo pergunta: ‘Por que Cristo derramou Seu sangue? Para resgatar Suas ovelhas, que Ele confiou a Pedro e aos que vieram depois dele’. Marini traduz aqui ‘Pedro e seus sucessores’, o que naturalmente facilita sua prova. Mas Crisóstomo, na verdade, se expressou de uma maneira mais geral, e quer dizer com ‘aos que vieram depois dele’ todos os pastores em geral, a quem as ovelhas de Cristo foram confiadas depois de Pedro.

---

<sup>83</sup> On the Inscription of the Acts, II, apud GILES, E., Documents Illustrating Papal Authority (London: SPCK, 1952), p. 168. Cf. Chapman, Studies on the Early Papacy, p. 96. Tradução livre.

<sup>84</sup> SCOTT, S. Herbert, The Eastern Churches and the Papacy (London: Sheed & Ward, 1928), p. 133. Tradução.

Portanto, não é praticável interpretar esta passagem de forma tão restrita como o fez Marini. Ainda menos convincente é a segunda evidência de Marini. Numa carta que Crisóstomo dirigiu ao Papa Inocêncio de seu exílio, ele diz que ajudaria de bom grado a pôr fim ao grande mal, “pois a contenda se espalhou por quase todo o mundo”. Portanto, conclui-se que Crisóstomo atribui à autoridade do Papa sobre todo o mundo. Então Crisóstomo escreve mais uma vez, ao Bispo de Tessalomki: ‘Não se canse de fazer aquilo que contribui para o melhoramento geral da Igreja’, e elogia o Bispo Aurélio de Cartago, porque ele se esforçou e lutou tanto pelo igrejas de todo o mundo. Não ocorreria a ninguém querer deduzir disso uma possível prova da primazia dos bispos de Salônica ou de Cartago.<sup>85</sup>

Claramente, Crisóstomo não pode ser citado como um proponente de uma primazia petrina ou papal no sentido católico romano mais do que Agostinho. Michael Winter abertamente admite que os pontos de vista de Crisóstomo, especialmente sua interpretação da rocha de Mateus 16, eram antitéticos aos de Roma e influenciaram muito os Pais orientais que o seguiram. Ele afirma que Padres orientais como Teodoro de Mopsuéstia, Paládio da Galácia, Teodoro de Ancira, Basílio de Selêucia e Nilo de Ancira sustentaram uma opinião desfavorável à superioridade de Pedro, opinião que foi amplamente difundida no Oriente no primeiro metade do século V:

A antipatia por Roma que encontra eco até mesmo nas obras de João Crisóstomo tornou-se mais pronunciada à medida que a Igreja Oriental foi ficando cada vez mais sob o controle do imperador e acabou afetando sua estima de Pedro. Embora não tenham sido influenciados pela ideia eusebiana de que a ‘pedra’ da igreja era Cristo, os antioquenos menores revelam uma relutância em admitir que Pedro era a pedra. Teodoro de Mopsuéstia, que morreu um quarto de século depois de Crisóstomo, declarou que a rocha sobre a qual a igreja foi construída era a confissão de fé de Pedro. A mesma opinião é repetida por Palladius de Helenópolis em seus Diálogos sobre a vida de João Crisóstomo. Sem qualquer elaboração, ele afirma que a pedra em Mateus 16 é a confissão de Pedro. A completa ausência de razões ou argumentos em apoio da controvérsia é uma indicação de quão amplamente a opinião foi aceita naquela data. Tal opinião foi, de fato, defendida também por Teodoro de Ancira, Basílio de Selêucia e Nilo de Ancira, na primeira metade do século V (...). A opinião desfavorável à superioridade de Pedro ganhou um número considerável de seguidores no Oriente sob a influência da escola de Antioquia.<sup>86</sup>

## 2.8 Teodoreto (393-466 d.C)

Teodoreto foi o principal teólogo de Antioquia no século V. Ao interpretar a passagem na rocha de Mateus 16, ele compartilha a opinião dos padres orientais, especialmente a de Crisóstomo. A ‘opinião desfavorável à superioridade de Pedro’ na escola de Antioquia mencionada por Winter na citação acima encontra expressão representativa nos seguintes comentários de Teodoreto:

Que ninguém então tolamente suponha que o Cristo é qualquer outro senão o Filho unigênito. Não nos imaginemos mais sábios do que o dom do Espírito. Ouçamos as palavras do grande Pedro: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’. Ouçamos o Senhor Cristo confirmando essa confissão, pois ‘Sobre esta rocha’, diz Ele, ‘edificarei minha igreja, e as portas do Inferno

---

<sup>85</sup> BAUR, Dom Chrysostomus, O.S.B., John Chrysostom and His Time (Westminster: Newman, 1959), Vol. I, pp. 348-349. Tradução livre.

<sup>86</sup> WINTER, Michael, St. Peter and the Popes (Baltimore: Helikon, 1960), p. 73. Tradução livre.

não prevalecerão contra ela'. Por isso também o sábio Paulo, excelentíssimo mestre construtor de igrejas, não estabeleceu outro fundamento senão este. 'Eu', diz ele, 'como um sábio construtor, lancei os alicerces, e outro edificou sobre eles. Mas que todo homem preste atenção em como ele edifica nela. Pois ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que está posto, que é Jesus Cristo'. Como então eles podem pensar em qualquer outra fundação, quando são convidados a não fixar uma fundação, mas construir sobre o que está estabelecido? O escritor divino reconhece Cristo como o fundamento e as glórias neste título.<sup>87</sup>

Outro fundamento que ninguém pode lançar, exceto aquele que está posto, que é Cristo Jesus (1Co 3:11). É necessário construir sobre, não lançar as bases. Pois é impossível para quem deseja construir sabiamente lançar outro alicerce. O bendito Pedro também lançou este fundamento, ou melhor, o próprio Senhor. Pois Pedro disse: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'; o Senhor disse: 'Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja'. Portanto, não chamem a si mesmos de nomes de homens, pois Cristo é o fundamento.<sup>88</sup>

Certamente ele está chamando a fé piedosa e a verdadeira confissão de 'pedra'. Pois quando o Senhor perguntou a seus discípulos quem o povo dizia que ele era, o bendito Pedro falou, dizendo: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Ao que o Senhor respondeu: 'Em verdade, em verdade te digo, tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela'.<sup>89</sup>

'Suas fundações estão nas montanhas sagradas'. Os 'alicerces' da piedade são preceitos divinos, enquanto as 'montanhas sagradas' sobre os quais esses alicerces são lançados são os apóstolos de nosso Salvador. O bem-aventurado Paulo diz a respeito desses fundamentos: 'Vocês foram edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, cuja pedra angular é Cristo Jesus'. E novamente ele diz: 'Pedro, Tiago e João, que são vistos como colunas'. E depois de Pedro ter feito aquela confissão verdadeira e divina, Cristo disse-lhe: 'Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela'. E em outro lugar Cristo diz: 'Vós sois a luz do mundo, e uma cidade situada sobre uma colina não pode ser escondida'. Sobre essas montanhas sagradas, Cristo, o Senhor, lançou os fundamentos da piedade.<sup>90</sup>

Portanto, nosso Senhor Jesus Cristo permitiu que o primeiro dos apóstolos, cuja confissão Ele fixou como uma espécie de base e fundamento da Igreja, oscilasse de um lado para o outro e O negasse, e então o ressuscitou.<sup>91</sup>

De acordo com Teodoreto, a rocha é a confissão de fé de Pedro em Cristo, que aponta para Cristo como o fundamento da Igreja. A pedra angular principal é Jesus Cristo e o fundamento subsidiário inclui todos os apóstolos igualmente em seus ensinamentos e fé. Ele se refere a Pedro pessoalmente como o fundamento:

Pois, se dizem que essas coisas aconteceram antes do batismo, que aprendam que o grande alicerce da Igreja foi abalado e confirmado pela graça divina. Pois o grande Pedro, tendo negado três vezes, permaneceu

---

<sup>87</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), Volume III, Theodore, Epistle 146, To John the Economist, p. 318. Tradução livre.

<sup>88</sup> 117Commentary on 1 Corinthians 1, 12, apud J. Waterworth S.J., *A Commentary* (London: Thomas Richardson, 1871), p. 149. Tradução livre.

<sup>89</sup> Commentary on Canticle of Canticles II.14, M.P.G., Vol. 81, Col. 108. Tradução livre.

<sup>90</sup> Commentary on Psalms 86.1, M.P.G., Vol. 80, Col. 1561. Tradução livre.

<sup>91</sup> SCHAFF, Philip, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume III, Theodore, Epistle 77, To Eulalius, p. 273

em primeiro; curado por suas próprias lágrimas. E o Senhor ordenou-lhe que aplicasse a mesma cura aos irmãos: 'E tu', diz Ele, 'convertido, confirma os teus irmãos' (Lc 22:32).<sup>92</sup>

Pedro é chamado de fundamento por causa de sua confissão de fé. É a sua confissão que é a rocha da Igreja. A rocha e o alicerce são somente Jesus Cristo. Teodoreto afirma que Pedro é o primeiro entre os apóstolos e os corifeus, mas, como Crisóstomo e Agostinho, esses títulos não carregam uma primazia jurisdicional única no sentido católico romano. Todos os apóstolos são iguais em autoridade e todos os bispos são sucessores de Pedro. Em uma declaração que lembra Cipriano e Crisóstomo, Teodoreto fala do bispo de Antioquia como possuidor do trono e autoridade de Pedro, demonstrando que isso não era algo exclusivo da sé de Roma:

Dióscuro, entretanto, se recusa a acatar essas decisões; ele está virando a sé do bendito Marcos de cabeça para baixo; e essas coisas ele faz embora saiba perfeitamente bem que a metrópole de Antioquia possui o trono do grande Pedro, que foi o mestre do bendito Marcos, e primeiro e corifeu dos apóstolos.<sup>93</sup>

Em *Jesus, Peter and the Keys* os autores listam apenas uma passagem muito curta de Teodoreto, omitindo completamente todas as outras que foram listadas aqui. Essa passagem é a referida acima, onde Pedro é mencionado como 'o grande fundamento da Igreja'. Como vimos, o entendimento de Teodoreto de Pedro como um fundamento deve ser interpretado à luz de seus outros comentários sobre Pedro e sua confissão de fé. Isso é consistente com a visão patrística prevalecente do Oriente naquela época, conforme vimos representado por Crisóstomo e no Ocidente por Ambrósio e Agostinho. Mas pode-se facilmente enganar as pessoas se escolher ignorar as outras referências e citar apenas aquela que superficialmente parece apoiar a posição de alguém porque fala de Pedro como um fundamento. Sem uma leitura adequada desta passagem, no contexto dos outros escritos de Teodoreto, não é possível representar de forma justa e objetiva o que ele realmente ensinou. Ao citar apenas esta passagem, isolada das outras, os autores de *Jesus, Peter and the Keys* impõem uma teologia papal preconcebida nas palavras de Teodoreto que não era fiel ao seu próprio pensamento. Eles deturparam os escritos deste pai da Igreja e estão em desacordo com seus próprios historiadores. O historiador católico romano, Michael Winter, demonstra ser este o caso quando resume as opiniões de Teodoreto da seguinte maneira: "Ele declarou em uma época que o fundamento da rocha da igreja era a fé, e em outra que era Cristo. Em outro lugar, ele aplica a noção a todos os Apóstolos (...). É evidente que ele não reconheceu o primado de Pedro".<sup>94</sup>

## 2.9 Cirilo de Alexandria (376-444 d.C)

Cirilo é um dos teólogos mais importantes e influentes da Igreja Oriental. Ele foi bispo de Alexandria na primeira metade do século V, de 412 d.C a 444 d.C. Ele presidiu o Concílio de Éfeso e é considerado o grande defensor da fé ortodoxa contra Nestório. Suas opiniões

---

<sup>92</sup> Haeret. Fab. Book 5, Chapter 28, apud J. Waterworth S.J., A Commentary (London: Thomas Richardson, 1871), p. 152. Tradução livre.

<sup>93</sup> SCHAFF, Philip, Nicene and Post-Nicene Fathers (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), Volume III, Theodoret, Epistle 86, To Flavianus, bishop of Constantinople, p. 281. Tradução livre.

<sup>94</sup> WINTER, Michael, St. Peter and the Popes (Baltimore: Helikon, 1960), p. 7.

sobre a rocha de Mateus 16 e a fundação da Igreja são apresentadas de forma inequívoca em seus escritos:

Por isso, a divina Escritura diz que Pedro, essa figura excepcional entre os apóstolos, foi chamado bem-aventurado. Pois quando o Salvador estava naquela parte de Cesaréia que é chamada de Filipos, ele perguntou quem as pessoas pensavam que ele era, ou que boato sobre ele havia se espalhado por toda a Judéia e na cidade vizinha à Judéia. E em resposta, Pedro, tendo abandonado as opiniões infantis e abusadas do povo, com sabedoria e destreza exclamou: 'Tu és Cristo, Filho do Deus vivo'. Agora, quando Cristo ouviu esta opinião verdadeira sobre ele, retribuiu a Pedro dizendo: 'Bendito és tu Simão Barjonas, porque a carne e o sangue não te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus. E eu te digo, você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela'. O sobrenome, eu acredito, inexpugnável até mesmo com respeito aos próprios portões do Inferno. Mas a fé de Pedro no Filho não foi facilmente alcançada, nem fluiu da apreensão humana; antes, foi derivado da instrução inefável de cima; visto que Deus Pai mostra claramente seu próprio Filho e causa uma persuasão segura dele nas mentes de seu povo. Pois Cristo não foi de forma alguma enganoso quando disse: 'A carne e o sangue não te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus'. Se, portanto, o bendito Pedro, tendo confessado Cristo como o Filho do Deus vivo, muito infelizes e abandonados são aqueles que imprudentemente criticam a vontade e, sem dúvida, o verdadeiro ensino de Deus, que arrastam para baixo aquele que procede da própria substância de Deus e torná-lo uma criatura, quem tolamente considera que o autor coeterno da vida está entre aquelas coisas que derivaram sua vida de outra fonte? Essas pessoas não são muito ignorantes?<sup>95</sup>

Mas por que dizemos que eles são 'fundamentos da terra'? Pois Cristo é o fundamento e a base inabalável de todas as coisas — Cristo que restringe e une todas as coisas, para que sejam muito firmes. Sobre ele também todos nós somos edificados, uma família espiritual, reunida pelo Espírito Santo em um templo santo no qual ele mesmo habita; pois pela nossa fé ele vive em nossos corações. Mas os próximos fundamentos, aqueles mais próximos de nós, podem ser entendidos como os apóstolos e evangelistas, aquelas testemunhas oculares e ministros da palavra que surgiram para o fortalecimento da fé. Pois quando reconhecemos que suas próprias tradições devem ser seguidas, servimos a uma fé que é verdadeira e não se desvia de Cristo. Pois quando ele, de maneira sábia e irrepreensível, confessou sua fé a Jesus, dizendo: 'Tu és o Cristo, Filho do Deus vivo', Jesus disse ao divino Pedro: 'Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.' Agora, pela palavra 'pedra', Jesus indicou, acredito, a fé inabalável do discípulo. Da mesma forma, o salmista diz: 'Seus alicerces são as montanhas sagradas'. Na verdade, os santos apóstolos e evangelistas devem ser comparados a montanhas sagradas, pois seu entendimento foi estabelecido como um fundamento para a posteridade, para que aqueles que foram pegos em suas redes não caíssem em uma falsa fé.<sup>96</sup>

A Igreja é inabalável e 'as portas do inferno não prevalecerão contra ela', de acordo com a voz do Salvador, pois ela o tem por fundamento.<sup>97</sup>

É provável que por essas palavras (Is 33:16) nosso Senhor Jesus Cristo seja chamado de rocha, na qual, como uma caverna ou curral de ovelhas, a

<sup>95</sup> Dialogue on the Trinity IV, M.P.G., Vol. 75, Col. 866. Tradução livre.

<sup>96</sup> Commentary on Isaiah IV.2, M.P.G., Vol. 70, Col. 940. Tradução livre.

<sup>97</sup> Commentary on Zacharias, apud J. Waterworth S.J., A Commentary (London: Thomas Richardson, 1871), p. 143. Tradução livre.

Igreja é concebida como tendo uma morada segura e inabalável para seu bem-estar; 'Pois tu és Pedro', diz o Salvador, 'e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja'.<sup>98</sup>

As opiniões de Cirilo são muito semelhantes às de Crisóstomo. Ele identifica a rocha da Igreja como sendo a confissão de fé de Pedro e não a pessoa do próprio Pedro. Ele separa a fé de Pedro de sua pessoa, assim como Agostinho, Crisóstomo e Ambrósio fizeram. Todos os apóstolos de acordo com Cirilo são pastores e fundações. É o seu ensino sobre Cristo que é fundamental e aponta para Cristo como a verdadeira rocha e único fundamento sobre o qual a Igreja é construída. Ele interpreta a rocha de Mateus 16 como sendo Cristo, bem como a confissão de fé de Pedro. Isso equivale à mesma coisa que a confissão de Pedro aponta para a pessoa de Cristo. As opiniões de Cirilo são completamente antitéticas às da Igreja Católica Romana. Ele não é um defensor do ensino do primado papal. Michael Winter resume as opiniões de Cirilo nas seguintes declarações:

A teologia de Cirilo de Alexandria sobre a questão de Pedro se assemelha muito à dos padres antioquenos. A obra da vida de Cirilo, pela qual é renomado na igreja, foi a defesa da fé ortodoxa contra Nestório, principalmente no Concílio de Éfeso em 431. Essa preocupação com as questões cristológicas influenciou sua exegese do texto de Mateus 16 de uma maneira que lembra os primeiros pais que escreveram contra o gnosticismo. Embora ele aluda frequentemente ao texto, é a aplicação cristológica que lhe interessa e a imagem resultante de Pedro é inconclusiva. Por exemplo, quando, comentando a passagem, ele escreve: 'Então ele também menciona outra honra: 'Sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e a te darei as chaves do reino dos céus'. Observe como ele sumariamente se manifesta Senhor do céu e da terra... Ele promete fundar a igreja, atribuindo-lhe imobilidade, pois é o Senhor da força, e sobre ela coloca Pedro como pastor. Então Ele diz: "E eu te darei as chaves do reino dos céus". Nem um anjo, nem qualquer outro ser espiritual pode falar assim'.

A aplicação a Pedro do título de 'pastor' é enganosa, visto que ele o aplica em outro lugar a todos os apóstolos e, portanto, não pode indicar uma autoridade peculiar para Pedro. Parece ter sido sua opinião consistente que o 'alicerce de rocha' da igreja era a fé inabalável de Pedro. Embora pareça uma questão pequena distinguir a fé de Pedro de sua pessoa na função de ser o fundamento da igreja, parece que para Cirilo, de fato, isolou o próprio Pedro para esse papel e, a esse respeito, ele é um com os últimos antioquenos (...). A escola de Antioquia (e aqueles que foram influenciados por ela) apresenta um conjunto de opiniões conflitantes. Crisóstomo e alguns seguidores defendem a primazia de Pedro, enquanto Cirilo de Alexandria e outros negam.<sup>99</sup>

É significativo que esse historiador católico romano seja forçado pelas evidências dos escritos de Cirilo a concluir que seu uso da palavra pastor aplicada a Pedro não implicava qualquer autoridade peculiar a ele e que ele não era um proponente do primado petrino. Na verdade, ele realmente negou. Ele lida honestamente com os fatos. Isso não pode ser dito dos autores de *Jesus, Peter and the Keys*. Eles fazem citações seletivas desse Pai, omitindo propositalmente aquelas que são desfavoráveis à sua posição. Não há nenhuma tentativa de uma avaliação honesta do que Cirilo realmente quis dizer com as palavras que ele usou, levando o leitor a concluir que Cirilo ensinou que Pedro era a rocha e

<sup>98</sup> Commentary on Isaiah 3.iii, on Isaiah 28:16. Cited by J. Waterworth S.J., A Commentary (London: Thomas Richardson, 1871), p. 142. Tradução livre.

<sup>99</sup> WINTER, Michael, St. Peter and the Popes (Baltimore: Helikon, 1960), pp. 74-76. Tradução livre.



era um defensor de uma primazia de Pedro em um sentido papal pró-romano, nada disso é verdade. Os pontos de vista de Cirilo são consistentes com os de outros grandes Pais do Oriente e do Ocidente que examinamos. A fé de Pedro é a rocha e o alicerce da Igreja. Aponta para a pessoa de Cristo como a verdadeira rocha e único fundamento.

As opiniões dos pais que foram citadas são representativas dos Pais como um todo. Isso pode ser demonstrado pelos exemplos de outros Pais importantes, como os seguintes.

## **2.10 Hilário de Poitiers (315-368 d.C)**

Hilário foi consagrado bispo de Poitiers em 350 d.C. Ele é conhecido como o Atanásio do Ocidente devido à sua firme posição pela ortodoxia de Nicéia, em oposição ao arianismo. Ele morreu em 368 d.C e foi declarado um doutor da Igreja pelo Papa Pio IX. Suas opiniões sobre a rocha de Mateus 16 são consistentes com as de Agostinho e Ambrósio:

A crença de que o Filho de Deus é Filho apenas no nome, e não na natureza, não é a fé dos Evangelhos e dos Apóstolos (...), por isso eu pergunto, foi que o bendito Simão Barjonas confessou a Ele: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo? E esta é a rocha da confissão sobre a qual a Igreja foi construída (...), que Cristo não deve ser apenas nomeado, mas crido, o Filho de Deus.

Essa fé é o fundamento da Igreja; por meio dessa fé, as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. Esta é a fé que possui as chaves do reino dos céus. Tudo o que esta fé tiver desligado ou ligado na terra, será desligado ou ligado no céu... A própria razão pela qual ele é abençoado é que ele confessou o Filho de Deus. Esta é a revelação do Pai, este é o fundamento da Igreja, esta é a certeza de sua permanência. Por isso ela tem as chaves do reino dos céus, daí o julgamento no céu e o julgamento na terra (...). Assim, nosso único fundamento imóvel, nossa única rocha abençoada da fé, é a confissão da boca de Pedro: Tu és o Filho do Deus vivo.<sup>100</sup>

## **2.11 Jerônimo (347-420 d.C)**

Jerônimo é o grande estudioso bíblico da Igreja Ocidental da era patrística. Ele passou um tempo no Oriente e no Ocidente e era um mestre em três línguas: latim, grego e hebraico. Junto com Orígenes, ele é considerado o único verdadeiro erudito bíblico de toda a era patrística:

O único fundamento que o arquiteto apostólico lançou é nosso Senhor Jesus Cristo. Sobre este alicerce estável e firme, que por sua vez foi colocado em terreno sólido, a Igreja de Cristo é construída (...). Pois a Igreja foi fundada sobre uma rocha (...), sobre esta rocha o Senhor

---

<sup>100</sup> SCHAFF, Philip; WACE, Henry, Nicene and Post-Nicene Fathers (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), On The Trinity, Book VI.36,37; Book II.23; Book VI.20. Tradução livre.

estabeleceu sua Igreja; e o apóstolo Pedro recebeu seu nome desta rocha (Mt 16:18).<sup>101</sup>

## 2.12 Epifânio de Salamina (310-403 d.C)

Epifânio nasceu na Palestina e foi bispo de Salamina em Chipre. Ele era um defensor fervoroso da ortodoxia de Nicéia. Ele dá uma interpretação da rocha de Mateus 16 que é consistente com a exegese oriental geral:

Ele confessou que 'Cristo' é 'o Filho do Deus vivo' e foi-lhe dito: 'Nesta rocha de fé segura edificarei minha igreja' — pois ele confessou claramente que Cristo é o verdadeiro Filho.<sup>102</sup>

## 2.13 Basílio de Selêucia (435-468 d.C)

Basílio foi um bispo oriental do século V de Selêucia, na Isauria. Ele participou do Concílio de Calcedônia, em 451:

Agora, Cristo chamou essa confissão de pedra e chamou aquele que a confessou de 'Pedro', percebendo o nome adequado ao autor desta confissão. Pois esta é a rocha solene da religião, esta é a base da salvação, esta é a parede da fé e o fundamento da verdade: 'Porque ninguém pode lançar outro fundamento senão aquele que está posto, que é Cristo Jesus'. A quem seja a glória e o poder para sempre.<sup>103</sup>

## 2.14 Paulo de Emesa (? - 444 d.C)

Paulo foi consagrado bispo de Emesa logo após 410 d.C. Ele participou do Concílio de Éfeso:

'Quem você diz que eu sou?'. Imediatamente, o Corifeu dos apóstolos, a boca dos discípulos, Pedro, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo' (...). Sobre esta fé foi fundada a Igreja de Deus. Com essa expectativa, sobre esta pedra o Senhor Deus colocou os fundamentos da Igreja.<sup>104</sup>

## 2.15 João Damasceno (675-749 d.C)

A morte de João Damasceno (por volta de 749 d.C) é considerada o fim da era patrística. Ele era um Pai oriental com reputação de grande pregador e escritor prolífico. Em seus escritos, ele identifica claramente a rocha da Igreja como a pessoa de Cristo ou a fé de Pedro que aponta para Cristo:

Esta é aquela fé firme e inabalável sobre a qual, como sobre a rocha cujo sobrenome você carrega, a Igreja está fundada. Contra isso, os portões do inferno, as bocas dos hereges, as máquinas dos demônios — pois eles

---

<sup>101</sup> Commentary on Matthew 7.25, M.P.L., Vol. 26, Col. 51, apud FROEHLICH, Karlfried, Formen der Auslegung von Matthaus 16,13-18 im lateinischen Mittelalter, Dissertation (Tubingen, 1963), Footnote #200, p. 49. Tradução livre.

<sup>102</sup> The Panarion of Epiphanius of Salamis (Leiden: Brill, 1994), Books II and III, Haer. 59.7, 6-8,3, pp. 108-109. Tradução livre.

<sup>103</sup> Oratio XXV.4, M.P.G., Vol. 85, Col. 296-297. Tradução livre.

<sup>104</sup> Homily of the Nativity, apud J. Waterworth S.J., A Commentary (London: Thomas Richardson, 1871), p. 148. Tradução livre.

atacarão — não prevalecerão. Eles pegarão em armas, mas não vencerão.<sup>105</sup>

“Esta rocha era Cristo, a Palavra de Deus encarnada, o Senhor, pois Paulo nos ensina claramente: ‘A rocha era Cristo’ (1Co 10:4).<sup>106</sup>

A evidência apresentada na história da exegese patrística de Mateus 16 é semelhante a Lucas 22:32 e João 21:15–17. Essa evidência revela que os pais não interpretaram essas passagens em favor de um primado romano exclusivo ou da infalibilidade papal. Não há exegese patrística de Mateus 16:18 ou Lucas 22:32 que implique que os bispos de Roma são infalíveis.

---

<sup>105</sup> Homily on the Transfiguration, M.P.G., Vol. 96, Col. 554-555. Tradução livre.

<sup>106</sup> Ibid, Col. 548. Tradução livre.

### 3 Declarações Resumidas de Historiadores

O seguinte comentário dos escritos dos principais historiadores católicos romanos, ortodoxos e protestantes, que resumem a compreensão patrística da pessoa de Pedro e da rocha de Mateus 16, confirma as afirmações acima.

#### 3.1 Brian Tierney

Brian Tierney é um estudioso medieval de renome mundial. Ele dá a seguinte análise da interpretação medieval de Lucas 22, que foi baseada na interpretação patrística documentada por Froehlich. Ele demonstra que a doutrina da infalibilidade papal era desconhecida na época patrística e medieval:

O texto bíblico mais comumente citado em favor da infalibilidade papal é Lucas 22.32. Não faltam comentários patrísticos ao texto. Nenhum dos Padres interpretou isso como significando que os sucessores de Pedro eram infalíveis. Nenhum argumento convincente foi apresentado explicando por que eles não deveriam ter declarado que o texto implicava uma doutrina da infalibilidade papal se isso é o que eles entenderam. Novamente, é difícil para nós saber exatamente o que os homens dos séculos VI e VII entenderam por fórmulas como as de Hormisdas e Agatho. Mas sabemos que o conselho geral que aceitou a fórmula de Agatho também anatematizou o predecessor de Agatho, o papa Honório, com o fundamento de que ele 'seguiu os pontos de vista do herege Sérgio e confirmou seus dogmas ímpios'. O sucessor de Agatho, Papa Leão II, ao confirmar os decretos do concílio, acrescentou que Honório 'não iluminou a sé apostólica ensinando a tradição apostólica, mas, por um ato de traição, esforçou-se por subverter sua fé imaculada'. Qualquer que seja o significado dos pais conciliares com a fórmula que aceitaram a respeito da fé infalível da sé apostólica, seu significado pode ter pouca conexão com a doutrina moderna da infalibilidade papal.<sup>107</sup>

#### 3.2 Luís Bermejo

Luis Bermejo é um jesuíta espanhol que lecionou teologia no Pontifício Ateneu de Puna, Índia, nos últimos trinta anos. Em um livro publicado recentemente (1992), ele apresenta o seguinte argumento convincente na confirmação da pesquisa histórica de Brian Tierney:

Pelo que sei, ninguém parece ter contestado a afirmação de Tierney de que todo o primeiro milênio é inteiramente silencioso sobre a infalibilidade papal e que, portanto, a contenção do Vaticano I a respeito das primeiras raízes da doutrina é difícil de manter. Praticamente, a única objeção de alguma substância levantada contra Tierney parece ser sua interpretação dos decretistas do século XII: o futuro dogma do Vaticano I está implicitamente contido neles? Mesmo depois de admitir, por uma questão de argumento, que é — algo que Tierney não concede de forma alguma — o obstáculo formidável do primeiro milênio permanece intocado. Na minha opinião, seus críticos dispararam suas armas contra um alvo secundário (os decretistas e teólogos medievais), deixando o silêncio perturbador do primeiro milênio fora de consideração. Ninguém parece ter sido capaz de apresentar qualquer prova documental para mostrar que esse longo silêncio era ilusório, que a doutrina era — pelo menos implicitamente — já conhecida e mantida nos primeiros séculos. Não é fácil ver como uma dada doutrina

---

<sup>107</sup> TIERNEY, Brian, *Origins of Papal Infallibility* (Leiden: Brill, 1972), pp. 11-13. Tradução livre.

pode ser mantida como sendo de origem apostólica quando mil anos de tradição não a ecoam de forma alguma.<sup>108</sup>

### 3.3 Jaroslav Pelikan

Pelikan fornece esta visão geral do entendimento da Igreja Oriental sobre a rocha e Pedro em Mateus 16:16-19:

A identificação dos portões do inferno com as grandes heresias do segundo, terceiro e quarto séculos era geralmente aceita. Contra essas portas do inferno, não apenas o apóstolo Pedro, mas todos os apóstolos, especialmente João, haviam contendido com sucesso a autoridade da palavra de Deus. De fato, o poder das chaves conferidas a Pedro por Cristo em Mateus 16:19 não se restringiu a ele ou a seus sucessores no trono da Velha Roma; todos os bispos fiéis da igreja foram imitadores e sucessores de Pedro. Eles tinham esse *status* como adeptos ortodoxos da confissão de Pedro em Mateus 16:16: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Ao anexar a promessa nos versos seguintes a essa confissão, foi possível admoestar os crentes ortodoxos a 'correrem para a fé (...) desta rocha imóvel (...) e vamos acreditar que Cristo é Deus e homem'. O alicerce inabalável da igreja era a rocha que era Cristo, mas ao mesmo tempo Pedro poderia ser chamado de 'o alicerce e o suporte de nossa fé'. Ele era isso, porém, principalmente por causa de sua confissão, que foi repetida por todos os verdadeiros crentes. Foi uma extensão polêmica dessa tendência geral grega quando um tratado posterior, falsamente atribuído a Photius, declarou categoricamente que a rocha na promessa de Cristo era a confissão de Pedro e não de sua pessoa. 'Ele era isso, porém, principalmente por causa de sua confissão, que foi repetida por todos os verdadeiros crentes'.

Assim, Pedro foi o fundamento da igreja, para que todo aquele que cresse como ele cresse não se extraviasse. Mas para a maioria dos teólogos gregos, Pedro era acima de tudo "o chefe dos teólogos" por causa de sua confissão. Todos os títulos de primazia, como fundamento e base e 'presidente dos discípulos', pertenciam a ele como teólogo trinitário. A igreja deveria ser construída sobre a rocha, sobre Cristo, a pedra angular, sobre a qual Pedro, como corifeu dos discípulos do Logos, também havia sido construído — 'construída pelos santos e divinos dogmas'. O primado pertencia a Pedro por causa de sua confissão, e aqueles que confessaram que Cristo é o Filho do Deus vivo, como ele o fez, foram os beneficiários da promessa de que as portas do inferno não prevaleceriam contra a igreja construída sobre a rocha.<sup>109</sup>

### 3.4 Johann Joseph Ignaz von Dollinger

Dollinger ensinou história da Igreja como católico romano por 47 anos no século 19 e foi um dos maiores e mais influentes historiadores da Igreja de sua época. Ele resume o entendimento oriental e ocidental de Mateus 16 no período patrístico:

Nos primeiros três séculos, Irineu é o único escritor que relaciona a superioridade da Igreja Romana com a doutrina; mas ele coloca esta superioridade, corretamente entendida, apenas em sua antiguidade, sua dupla origem apostólica, e na circunstância de a tradição pura ser guardada e mantida ali por meio do concurso constante de fiéis de todos os países.

---

<sup>108</sup> BERMEJO, Luis, *Infallibility on Trial* (Westminster: Christian Classics, 1992), pp. 164-165. Tradução livre.

<sup>109</sup> PELIKAN, Jaroslav, *The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine* (Chicago: University of Chicago, 1974), Volume Two, pp. 160-161. Tradução livre.

Tertuliano, Cipriano e Lactâncio nada sabem da prerrogativa papal especial, ou de qualquer direito superior ou supremo de decidir em matéria de doutrina. Nos escritos dos doutores gregos, Eusébio, Atanásio, Basílio, o Grande, os dois Gregórios e Epifânio, não há uma palavra de quaisquer prerrogativas do bispo romano. O mais copioso dos Padres Gregos, Crisóstomo, é totalmente silencioso sobre o assunto, e assim são os dois Cirilos; igualmente silenciosos estão os latinos, Hilário, Paciano, Zeno, Lúciifer [de Cagliari], Sulpício e Ambrósio.

Agostinho escreveu mais sobre a Igreja, sua unidade e autoridade, do que todos os outros Padres juntos. No entanto, de todas as suas numerosas obras, preenchendo dez fólhos, apenas uma frase, em uma carta, pode ser citada, onde ele diz que o principado da Cátedra Apostólica sempre esteve em Roma — o que poderia, é claro, ser dito então com verdade igual de Antioquia, Jerusalém e Alexandria. Qualquer leitor de sua Carta Pastoral aos Donatistas separados sobre a Unidade da Igreja deve achar inexplicável (...) que nestes setenta e cinco capítulos não há uma única palavra sobre a necessidade da comunhão com Roma como centro de unidade. Ele insiste em todos os tipos de argumentos para mostrar que os donatistas estão fadados a retornar à Igreja, mas da Cátedra Papal, como um deles, ele não diz uma palavra.

Temos uma abundante literatura sobre as seitas e heresias cristãs dos primeiros seis séculos — Irineu, Hipólito, Epifânio, Filastrius, Agostinho e, mais tarde, Leôncio e Timóteo — nos deixaram relatos deles até oitenta, mas nem um único é acusado de rejeitar a autoridade do Papa em questões de fé.

Tudo isso é bastante inteligível, se olharmos para a interpretação patrística das palavras de Cristo a Pedro. De todos os Padres que interpretam essas passagens nos Evangelhos (Mt 16:18, Jo 21:17), nem um único os aplica aos bispos romanos como sucessores de Pedro. Quantos Padres se ocuparam com esses textos, mas nenhum deles cujos comentários possuímos — Orígenes, Crisóstomo, Hilário, Agostinho, Cirilo, Teodoreto e aqueles cujas interpretações são coletadas em catenas — deixou escapar o mais leve indício de que a primazia de Roma é a consequência da comissão e promessa a Pedro! Nenhum deles explicou a rocha ou fundação sobre a qual Cristo edificaria a Sua Igreja do ofício dado a Pedro para ser transmitido aos seus sucessores, mas eles entenderam por ela o próprio Cristo ou a confissão de fé de Pedro em Cristo; frequentemente os dois juntos. Ou então eles pensavam que Pedro era o fundamento igualmente com todos os outros apóstolos, os doze sendo juntos as pedras fundamentais da Igreja (Ap 21:14). Os Padres poderiam reconhecer no poder das chaves, e no poder de ligar e desligar, qualquer prerrogativa especial ou senhorio do bispo romano, visto que — o que é óbvio para qualquer um à primeira vista — eles não consideravam um poder primeiro dado a Pedro, e depois conferido precisamente com as mesmas palavras a todos os apóstolos, como qualquer coisa peculiar a ele, ou hereditária na linha dos bispos romanos, e eles possuíam o símbolo das chaves como significando exatamente o mesmo que a expressão figurativa de ligar e desligar.<sup>110</sup>

### 3.5 Karlfried Froehlich

Karlfried Froehlich, um dos mais importantes eruditos medievais e patrísticos da atualidade, escreveu seu doutorado: uma dissertação sobre a história da exegese patrística e medieval

---

<sup>110</sup> DOLLINGER, Johann, *The Pope and the Council* (Boston: Roberts, 1869), pp. 70-74. Tradução livre.

de Mateus 16. Ele afirma os fatos acima ao discutir a história da exegese dos textos petrinus, demonstrando como os teólogos medievais interpretavam Mateus 16 em harmonia com uma clara tradição patrística contrária ao ponto de vista católico romano:

Três textos bíblicos têm sido tradicionalmente citados como o fundamento religioso do primado papal: Mateus 16:18,19; Lucas 22:32; e João 21:15–17. A combinação das três passagens em apoio ao argumento primacial remonta à história do papado romano. Leão I e Gelásio I parecem ter sido os primeiros a usá-lo (...). No entanto, seria um erro supor que a interpretação papal era a exegese padrão em todos os lugares (...). Muito pelo contrário, a compreensão desses textos petrinus por exegetas bíblicos na corrente principal da tradição era universalmente não primária antes de Inocêncio III.

Talvez o caso mais instrutivo seja o de Mt 16:18,19. É bastante claro para os exegetas modernos que todas as três partes da passagem, a atribuição do nome, sua interpretação pela palavra de Jesus sobre a fundação da igreja na rocha, e a promessa das chaves, falam sobre a pessoa de Pedro, mesmo que a natureza de sua prerrogativa e a aplicação a quaisquer sucessores sejam postas de lado. A interpretação medieval mostra um quadro muito diferente. A atribuição de nomes (v. 18a) foi geralmente considerada como a resposta de Jesus à confissão de Pedro que, conforme o contexto sugeria aos exegetas medievais, Pedro proferiu *pro omnibus* (para todos). Seguindo Orígenes, Crisóstomo e Jerônimo, os exegetas assumiram amplamente que em Pedro a recompensa pela confissão correta de Cristo, o Filho de Deus, foi dada a todos os verdadeiros crentes; todos os cristãos mereciam ser chamados de *petrae*. Mesmo a formulação de Agostinho, informada por uma preocupação tradicional do Norte da África pela unidade da Igreja, de que em Pedro *in us pro omnibus* (um para todos) havia respondido e recebido a recompensa, não sugeria mais do que uma leitura figurativa de Pedro como uma imagem da verdadeira igreja. À luz da queda e negação subsequentes de Pedro, o próprio nome foi regularmente declarado ser derivado de Cristo, a verdadeira rocha. Agostinho, que seguiu Orígenes nesta suposição, ficou fascinado com a dialética do 'bem-aventurado' Pedro (Mt 16:17) sendo tratado como 'Satanás' alguns versículos depois (v. 23). Em Pedro, fraco em si mesmo e forte apenas em sua conexão com Cristo, a Igreja podia ver a imagem de sua total dependência da graça de Deus. Agostinho separou rigorosamente a denominação de sua explicação: Cristo não disse a Pedro: 'você é a rocha', mas 'você é Pedro'. A igreja não foi construída sobre Pedro, mas sobre a única rocha verdadeira, Cristo. Agostinho e os exegetas medievais depois dele encontraram a justificativa para esta interpretação em 1ª Coríntios 10:4. A chave alegórica deste versículo já havia sido aplicada a numerosas passagens bíblicas sobre a rocha na tradição testemunhal africana anterior. Mateus 16:18 não foi exceção. Se a metáfora da rocha não se referia a uma categoria negativa de rochas 'duras', ela tinha que ser lida cristologicamente.

O mesmo resultado foi obtido quando os exegetas focalizaram a imagem da 'construção da igreja'. A metáfora da pedra em Mt 16:18 enfatizou a firmeza do fundamento da igreja. Mas a própria imagem fundamental, *fundamentum ecclesiae*, foi claramente explicada em outra passagem-chave do Novo Testamento: 'Ninguém pode lançar outro fundamento, exceto aquele que está posto, que é Cristo Jesus' (1ª Coríntios 3:11). A mesma interpretação do 'fundamento firme' sendo Cristo parecia inevitável quando os exegetas associaram Mt 16:18 com a parábola de Jesus de Mt 7:24, que falava da construção de uma casa em terreno firme. A tradição exegética desde Orígenes e o *Opus imperfectum in Matthaeum* identificava a casa com a igreja, de modo que o sábio mestre construtor

tinha que ser Cristo que edifica a igreja sobre a rocha firme, ele mesmo. Mesmo em uma interpretação moral secundária que explicava o mestre construtor como o cristão virtuoso, a imagem da base forte era invariavelmente cristologizada, muitas vezes com referência direta à 1ª Coríntios 3:11 e 10:4, ou mesmo Mt 16:18. Um bom cristão deve construir a casa de sua vida em Cristo. Aplicado às imagens de Mt 16:18, o escopo final da parábola de Jesus novamente reforçou uma leitura cristológica: a casa do sábio construtor, Jesus ensinou, permanece firme contra todos os ataques de vento, enchentes e clima. O paralelo com Mt 16:18c era muito óbvio para o intérprete: se a *portae inferi* (portas do inferno) não pode prevalecer contra ela, a igreja deve de fato ser construída sobre a única rocha que não pode ser movida, Cristo.

A lógica desses textos paralelos deve ter parecido inevitável aos exegetas medievais. Em nenhuma das passagens bíblicas de construção e fundação que foram entendidas como referindo-se à igreja foi Mt 16:18 usado como uma chave hermenêutica que sugeriria Pedro como a base. Ao contrário, o claro significado petrino do verso foi silenciado pelo peso dos paralelos cristológicos. Na exegese medieval, essas chaves regiam não apenas todas as referências à construção da Igreja no Novo Testamento, mas também suas prefigurações do Antigo Testamento: Cristo foi o fundamento da igreja prefigurada no templo de Salomão (1 Reis 5), na casa que a Sabedoria construiu para si mesma (Pv 9), e nas imagens cosmológicas básicas dos Salmos (Salmos 76:69; 86:1; 101:26; 103:5 etc.).

A maioria dos exegetas orientais, especialmente após as controvérsias doutrinárias do quarto século, leem o v. 18 como a culminação dos vv. 16,17: 'sobre esta pedra' significava 'sobre a fé ortodoxa que você acabou de confessar'. Introduzida no Ocidente por Ambrósio e a tradução dos exegetas antioquenos, essa equação *petra* = *fides* manteve um lugar importante ao lado da alternativa cristológica, ou como sua explicação mais precisa: a rocha da igreja era Cristo que era o conteúdo da confissão de Pedro.

A tradição catequética norte-africana, por outro lado, entendia a palavra de Pedro, a pedra da igreja, como o prefácio do v. 19: Pedro era a pedra, porque recebeu as chaves do reino, que significavam o exercício da igreja de disciplina penitencial. Tertuliano, no entanto, considerou o Pedro de Mt 16:18,19 como o representante de toda a igreja ou pelo menos seus membros 'espirituais'. Cipriano o entendeu como um símbolo da unidade de todos os bispos, os oficiais privilegiados da penitência.

Uma falta básica do contexto primacial também caracteriza a tradição exegética sobre as 'chaves do reino dos céus' (Mt 16:19). Novamente, a principal razão pode ter que ser buscada na influência dos paralelos bíblicos. Nos comentários patrísticos, as chaves eram entendidas como autoridade penitencial, principalmente o poder sacerdotal de excomunhão e reconciliação. Este entendimento foi nutrido pelas passagens paralelas de Mt 18:18, e especialmente João 20:23, onde ligar e desligar parecia ser explicado como reter e perdoar os pecados. Ambos os textos, no entanto, estenderam esse poder além do único Pedro a todos os apóstolos. Assim, os exegetas foram confrontados com o fato de que 'o que foi concedido a Pedro, também foi dado a todos os apóstolos'.

Agora podemos resumir nossas descobertas. A história exegética anterior de Mt 16:18,19, Lucas 22:32 e João 21:15,17 estavam em grande parte em desacordo com a interpretação primitiva dessas passagens, que tinham uma longa história entre os escritores papais desde o quinto, talvez até mesmo o terceiro século. A corrente principal da exegese seguiu uma agenda definida pelo precedente patrístico, especialmente Agostinho, mas



também outros padres ocidentais. No caso de Mt 16:18,19, a tradição foi dominada pela interpretação cristológica da 'pedra' da igreja, alimentada por poderosos paralelos bíblicos, como 1ª Coríntios 10:4, Mt 7:24,25 e 1ª Coríntios 3:11. Para Lucas 22:32, a tradição se concentrava no contexto da paixão de Jesus e na negação de Pedro, aplicando o versículo de forma antropológica ao tema do 'humilde prelado'. No caso de João 21:15-17, a interpretação tradicional baseou-se no imaginário bíblico de rebanho e pastores como metáfora da *cura pastoralis* na igreja e viu no texto uma lição sobre as qualidades de um 'bom prelado'.<sup>111</sup>

### 3.6 John Meyendorff

John Meyendorff documenta a exegese oriental geral de Mateus 16 e sua visão da eclesiologia:

O papado reformado do século XI usou uma longa tradição ocidental de exegese quando aplicou sistemática e legalisticamente as passagens sobre o papel de Pedro (especialmente Mt 16:18, Lc 22:32 e Jo 21:15-17) ao bispo de Roma. Esta tradição não era compartilhada pelo Oriente.

(Depois do) cisma entre o Oriente e o Ocidente (...), os eruditos e prelados gregos continuaram a tradição dos Padres sem a menor alteração (...). Orígenes é o professor comum dos Padres Gregos no campo do comentário bíblico. Orígenes dá uma explicação extensa sobre o Mateus 16:18. Ele interpreta acertadamente as famosas palavras de Cristo a partir da confissão de Pedro no caminho de Cesaréia de Filipe: Simão tornou-se a Rocha sobre a qual está fundada a Igreja, porque expressou a verdadeira fé na divindade de Cristo. Assim, de acordo com Orígenes, todos os salvos pela fé em Jesus Cristo recebem também as chaves do Reino: em outras palavras, os sucessores de Pedro são todos crentes. 'Se também dissermos', ele escreve, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo, então também nos tornamos Pedro (...) pois quem se assimila a Cristo, torna-se a Rocha'.

Esta mesma interpretação prevalece implicitamente em todos os textos patrísticos que tratam de Pedro: os grandes Capadócijs, João Crisóstomo e Agostinho, todos concordam em afirmar que a fé de Simão lhe permitiu tornar-se a Rocha sobre a qual se funda a Igreja. E que, em certo sentido, todos aqueles que compartilham da mesma fé são seus sucessores. Essa mesma ideia pode ser encontrada em escritores bizantinos posteriores. 'O Senhor dá as chaves a Pedro', diz Teófanos Kerameus, um pregador do século XII, 'e a todos aqueles que se parecem com ele, para que os portões do Reino dos céus permaneçam fechados para os hereges, mas sejam facilmente acessíveis aos fieis'.

Por outro lado, uma tradição patrística muito clara vê a sucessão de Pedro no ministério episcopal. A doutrina de Cipriano de Cartago sobre a "Sé de Pedro" como estando presente em todas as igrejas locais, e não apenas em Roma, é bem conhecida. Também se encontra no Oriente, entre pessoas que certamente nunca leram *De unitate ecclesiae* de Cipriano, mas que compartilham de sua ideia principal, testemunhando-a como parte da tradição católica da Igreja. Uma análise cuidadosa da literatura eclesiástica bizantina certamente mostraria que esta tradição é persistente e, de fato, pertence à essência da eclesiologia ortodoxa considerar qualquer bispo local como o mestre de seu rebanho e, portanto, cumprir sacramentalmente,

---

<sup>111</sup> FROELICH, Karlfried, Saint Peter, Papal Primacy, and Exegetical Tradition, 1150-1300, pp. 3, 8-14, 42. Taken from The Religious Roles of the Papacy: Ideals and Realities, 1150-1300, ed. Christopher Ryan, Papers in Medieval Studies 8 (Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1989. Tradução livre.

por meio da sucessão apostólica, o ofício do primeiro verdadeiro crente, Pedro.<sup>112</sup>

### 3.7 Yves Congar

Yves Congar é um dos historiadores e teólogos católicos romanos mais influentes deste século. Ele faz as seguintes declarações sobre a eclesiologia da Igreja Oriental e do entendimento patrístico da rocha de Mateus 16:

Muitos dos Padres orientais, justamente reconhecidos como os maiores e mais representativos e, além disso, assim considerados pela Igreja universal, não nos oferecem mais nenhuma prova do primado. Seus escritos mostram que eles reconheceram o primado do Apóstolo Pedro, que consideravam a Sé de Roma como a *prima sedes* que desempenha um papel importante na comunhão católica — estamos lembrando, por exemplo, os escritos de João Crisóstomo e de Basílio que se dirigiu a Roma em meio às dificuldades do cisma de Antioquia — mas eles não nos fornecem nenhuma declaração teológica sobre o primado universal de Roma por direito divino. O mesmo pode ser dito de Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, Basílio, João Crisóstomo e João Damasceno.<sup>113</sup>

Às vezes acontece que alguns Padres entenderam uma passagem de uma maneira que não concorda com o ensino posterior da Igreja. Um exemplo: a interpretação da confissão de Pedro em Mateus 16:16,19. Exceto em Roma, esta passagem não foi aplicada pelos Padres ao primado papal; eles elaboraram uma exegese no nível de seu próprio pensamento eclesiológico, mais antropológico e espiritual do que jurídico.<sup>114</sup>

### 3.8 Pierre Batiffol

Batiffol também afirma o fato de que a Igreja Oriental, historicamente, nunca abraçou a eclesiologia do primado romano:

Eu acredito que o Oriente teve uma concepção muito pobre do primado romano. O Oriente não viu nela o que a própria Roma viu e o que o Ocidente viu em Roma, isto é, uma continuação do primado de Pedro. O bispo de Roma foi mais do que o sucessor de Pedro em sua cátedra, ele foi Pedro perpetuado, investido da responsabilidade e do poder de Pedro. O Oriente nunca entendeu essa perpetuidade. Basílio o ignorou, assim como Gregório Nazianzeno e João Crisóstomo. Nos escritos dos grandes Padres Orientais, a autoridade do Bispo de Roma é uma autoridade de grandeza singular, mas nesses escritos não é considerada por direito divino.<sup>115</sup>

---

<sup>112</sup> MEYENDORFF, John, St. Peter in Byzantine Theology. Taken from The Primacy of Peter (London: Faith, 1963), pp. 7-29. Tradução livre.

<sup>113</sup> CONGAR, Yves, After Nine Hundred Years (New York: Fordham University, 1959), pp. 61-62. Tradução livre.

<sup>114</sup> CONGAR, Yves, Tradition and Traditions (New York: Macmillan, 1966), p. 398. Tradução livre.

<sup>115</sup> BATIFFOL, Pierre, apud CONGAR, Yves, After Nine Hundred Years (New York: Fordham University, 1959), pp. 61-62. Tradução livre.

#### **4 Conclusão**

A partir da documentação primária dos escritos dos Padres e dos comentários dos historiadores da Igreja, podemos resumir o entendimento patrístico de Pedro e da Rocha de Mateus 16. De um modo geral, os Padres viam a rocha e o fundamento da Igreja como a pessoa de Cristo, ou a Confissão de Fé de Pedro que apontava para Cristo. Às vezes, eles falam de Pedro como a rocha ou alicerce no sentido de que ele é o exemplo da verdadeira fé — que ele exemplificou a fé. Mas eles não ensinam que ele é representante de um ofício papal ou que a Igreja foi construída sobre ele em um sentido legalista. Eles também viam Pedro figurativamente como representante da unidade de toda a Igreja. O que Cristo falou a Pedro, ele falou à Igreja como um todo e o que foi dado a Pedro foi dado a todos os apóstolos e através deles a toda a Igreja.

Embora os padres falassem em termos muito exaltados sobre o apóstolo Pedro, seus comentários não foram aplicados em um sentido exclusivo ao bispo de Roma, nem eles viam os bispos romanos como tendo jurisdição universal sobre a Igreja. Embora vissem os bispos de Roma como sucessores de Pedro, eles não os viam como sucessores exclusivos de Pedro, nem como governantes universais da Igreja, nem a Sé de Roma como a única Sé apostólica. Os católicos romanos presumem que quando um padre da Igreja fala de Pedro, ele também está falando sobre os bispos de Roma, mas não é o caso. Isso é ler uma teologia preconcebida em seus escritos. Os padres ensinam que todos os bispos são sucessores de Pedro. Em sua interpretação de Mateus 16, Lucas 22 e João 21, não encontramos nenhuma afirmação do ensino do Vaticano I sobre a jurisdição papal e a infalibilidade.

Isso revela dois pontos importantes de uma perspectiva teológica e histórica. Teologicamente, não há evidência de consenso patrístico para apoiar a interpretação papal do Vaticano I de Mateus 16:18-19 igualando a rocha à pessoa de Pedro, atribuindo a ele e aos bispos romanos o lugar de preeminência de governo na Igreja por meio da autoridade das chaves. O apelo da Igreja Católica Romana ao ‘consentimento universal dos pais’ para apoiar sua exegese de Mateus 16 é falacioso. Esse consenso não existe. A interpretação de Mateus 16:18 pelos principais pais da era patrística, tanto do Oriente quanto do Ocidente, demonstra que a visão da maioria esmagadora da Igreja historicamente não é a da Igreja Católica Romana de hoje. O fato é que, além dos próprios papas — começando no final do século IV — e com aqueles que têm interesse em promover o papado, a interpretação romana de Mateus 16:18-19 tem sido historicamente rejeitada universalmente pela Igreja no Oriente e no Ocidente. E o que é verdade na história exegética é verdade também na prática histórica. É claro na história da Igreja, nas atitudes e ações dos Concílios gerais e com os padres individuais em suas relações com os bispos de Roma, que na época patrística, a Igreja nunca operou com base no primado romano universal ou na crença na infalibilidade papal.